

GLOBALIZAÇÃO E A INSERÇÃO INTERNACIONAL DIFERENCIADA DA ÁSIA E AMÉRICA LATINA

Carlos Aguiar de Medeiros
(Prof. Adjunto do IE/UFRJ)

Apresentação

As transformações ocorridas na economia mundial a partir dos anos 80 refrataram de forma muito diferenciada nas áreas periféricas asiáticas e latino-americanas. A acentuada valorização do iene decorrente do acordo do Plaza ocorrida em 1985, impulsionou um movimento de deslocamento industrial e produtivo do capital japonês para diversos países asiáticos com diferentes graus de industrialização. A valorização das moedas dos quatro tigres (Coréia, Formosa, Cingapura, Hong-Kong) no final da década bem como o término do tratamento preferencial concedido pelos EUA, conduziu a um movimento semelhante de deslocamento industrial e de subcontratação em países como Tailândia, Malásia, Indonésia e Filipinas, ampliando e redefinindo a divisão regional de trabalho a partir de movimentos seqüenciais de investimento combinando substituição de importações e promoção de exportações. Ampliou-se e reforçou-se agora através do investimento direto, uma dinâmica regional de divisão do trabalho já em expansão nas décadas anteriores. Articulado a este movimento mas possuindo sua própria autonomia geopolítica, a ascensão da China no comércio internacional vem impulsionando, desde estes anos, uma ampla expansão do comércio regional diretamente associado com os investimentos estrangeiros oriundos dos centros financeiros asiáticos especialmente localizados em Hong-Kong.

Uma característica notável do dinamismo destas economias é o ritmo de crescimento das suas exportações manufatureiras e o grande superávit comercial com os EUA. Historicamente a direção exportadora asiática para a OCDE fez parte da estratégia americana do pós-guerra de ampliação de seus interesses econômicos e políticos na Ásia. A manutenção e ampliação deste superávit na última década e a expansão dos investimentos japoneses na região, ao lado do amplo financiamento externo, tem permitido à maioria das economias asiáticas crescer a taxas elevadas e financiar um amplo déficit comercial com o Japão fortemente concentrado em bens de capital. É esta dupla inserção, a de exportadores

de manufaturas baratas para as economias da OCDE e a de mercado para os investimentos e as exportações japonesas de bens de capital - favorecida pela possibilidade de acompanharem alternativamente o dólar, que tem conferido amplo dinamismo regional, viabilizando elevadas taxas internas de investimento. Mesmo a China, com sua especificidade e densidade próprias segue uma direção semelhante, ainda que intermediada por Hong-Kong.

A América Latina, após uma década de estagnação reinsere-se, a partir da reestruturação da dívida do final dos 80, nos fluxos internacionais de capitais - especialmente na captação de investimentos de portfólio. Esta abundância de liquidez viabilizou uma geração de políticas macroeconômicas de estabilização apoiadas na sobrevalorização das suas moedas nacionais. O deslocamento temporário da restrição externa decorrente do ingresso de capitais, foi acompanhado por intensa e unilateral abertura financeira e comercial. Os EUA que acumularam ao longo dos anos 80 amplos déficits comerciais com a região necessários para servir a dívida externa do continente, reverteram intensa e rapidamente esta posição. É a inserção externa da América Latina como receptora de fluxos financeiros de curto prazo e como mercado em expansão para os EUA, que confere uma especificidade comum à região. Ao contrário do Japão que deslocou para a região asiática setores produtivos de menor densidade tecnológica e se especializou na exportação de bens de capital cedendo posição nas manufaturas tradicionais, os EUA vem protegendo seus mercados tradicionais disputando mercados no continente.

O México, o único caso latino-americano de produção industrial integrada com os EUA, encontra-se estruturalmente contido por uma avalanche de importações a cada acréscimo do produto: isto ocorre não apenas nos setores industriais integrados, mas também na agricultura de alimentos. No restante do continente, a combinação de abertura comercial e financeira com câmbio sobrevalorizado resultou em abruptas elevações dos coeficientes de importação e deslocamento das exportações para as “commodities”.

Ao contrário da maioria das economias asiáticas, o déficit comercial na América Latina ocorre sobre um colchão de transferências financeiras muito mais elevadas, fragilizando sua posição externa. Assim, o acesso do financiamento externo não permitiu às principais economia do continente retomar o crescimento econômico, mais uma vez estrangido pelo balanço de pagamentos. A experiência exitosa do Mercosul tem permitido

ampla expansão do comércio regional, embora o crescimento do déficit do balanço de transações correntes de seus principais parceiros, constitua um limite ao seu crescimento.

Assim, ao contrário de uma macroeconomia regional expansiva dinamizada pelos deslocamentos do capital produtivo e expansão global do comércio, a América Latina se vê constringida a baixas taxas de crescimento na expectativa improvável de que os investimentos diretos ora em expansão, possam a um tempo financiar o déficit em transações correntes e aumentar as exportações industriais. Na Ásia, a expansão dos mercados internos e as potencialidades dos mercados externos foram complementares atraindo os investimentos japoneses na Ásia ou de Hong-Kong na China. Aqui, no continente latino-americano, espera-se que os investimentos estrangeiros liderem a expansão, apesar de mercados internos constringidos e mercados externos inibidos pelo câmbio, protecionismo e ofensiva comercial dos EUA. Nem os fatos estilizados sobre o desenvolvimento recente asiático, nem tampouco as características mais gerais da dinâmica econômica das economias capitalistas, podem servir de base para esta expectativa.

O presente capítulo encontra-se dividido da seguinte forma. Após esta apresentação onde as principais conclusões encontram-se condensadas, realiza-se na segunda seção uma breve descrição das interpretações dominantes sobre o alto desempenho asiático. Na terceira seção o desempenho macroeconômico asiático e latino-americano nos anos 80 é apresentado. A seção seguinte analisa as principais transformações da inserção internacional latino-americana e asiática decorrente dos novos alinhamentos cambiais estabelecidos no Acordo do Plaza em 1985. Segue-se uma seção sobre a formação de uma economia regional na Ásia culminando na seção seguinte com uma análise do paradigma dos gansos voadores. A última seção apresenta algumas características gerais da inserção externa latino-americana nos anos 90, distinguindo-a daquelas observada na Ásia.

Interpretações Dominantes sobre a Alta Performance Asiática nos 80s

A polarização crescente do desenvolvimento econômico mundial, e as diferentes performances e trajetórias ocorridas entre os países em desenvolvimento desde os anos 80s, motivou um amplo debate sobre a economia e a política do desenvolvimento. Para o BIRD o

sucesso asiático¹ foi o resultado de políticas "fundamentais" corretas ao lado de políticas setoriais moderadas e não distorcionadoras. Um *mix* de tecnologias estrangeiras, desenvolvimento exportador, equilíbrios macroeconômicos e investimentos em educação teria caracterizado as economias asiáticas. Estas características teriam prevalecido, a despeito de diferenças nacionais importantes tanto no Japão, Coréia, Formosa, Cingapura, Hong-Kong quanto nos novos NICs - Tailândia, Indonésia e Malásia. Segundo a interpretação institucionalista², o contrário teria prevalecido. Esta, limitada aos processos de industrialização ocorridos nos três primeiros países, destaca a importância das políticas industriais e de financiamento e dos mecanismos de coordenação (sob o comando de um Estado forte) como fator explicativo, tanto da elevada taxa de crescimento observada, quanto da mudança na inserção internacional. As políticas industriais aceleram mudanças estruturais na indústria e guiaram o mercado em direção não antecipada por dotações de fatores e preços relativos.

Existem duas observações pertinentes em relação à visão institucionalista. Em primeiro lugar, deve-se reconhecer que elas descrevem processos históricos de industrialização do pós-guerra das economias maiores do sudeste asiático como Japão, Formosa e Coréia. Nestas análises destaca-se a notável influência do Japão como modelo de política industrial observada em países como Coréia e Formosa, e dificilmente generalizáveis para os novos NICs como Tailândia, Indonésia e Malásia ou mesmo para a China. Em segundo lugar, as análises institucionalistas centradas em casos nacionais não abordam um dos aspectos mais importantes dos anos 80 como a alta performance do conjunto dos países do sudeste e sudoeste da Ásia nos anos 80 e 90. Trata-se aqui de um fenômeno regional ou de uma coleção de sucessos nacionais decorrentes de instituições propulsoras do desenvolvimento? Neste último caso, como explicar o extraordinário sucesso econômico do conjunto considerando-se que várias microinstituições historicamente

¹O documento mais influente sobre o tema "The East Asian Miracle", 1993, trata de 8 economias denominadas Economia de Alta Performance: o Japão, os 4 "tigres" - Hong-Kong, Formosa, Cingapura, Coréia do Sul- a China, e as 3 novas NICs, Indonésia, Tailândia e Malásia.

²As interpretações institucionalistas sobre a industrialização asiática desenvolvidas recentemente por Amsden, A.(1989) - *Asia's Next Giant: South Korea and Late Industrialization*. Oxford University Press - e Wade, R. (1990) - *Governing the Market: Economic Theory and the Role of Government in East Asian Industrialization*, Princeton University Press - e os mais antigos mas influentes livros de Kaplan -Kaplan, E. J., 1972 *Japan: The Government- Business Relationship*. Washington, D. C., U.S. Government Printing Office- e Chalmers Johnson ,1982 - *Miti and Japanese Miracle: The Growth of Industrial Policy, 1925-1975*, Stanford University Press- foram denominadas no "The East Asian Miracle" de interpretações "revisionistas". Para uma análise política da montagem deste relatório do Banco ver Wade, R. (1996)

importantes em diversos países foram abaladas com a relativa liberalização comercial e financeira ocorrida na década ?

Para o BIRD o sucesso asiático nos anos 80 deve-se integralmente a fatores endógenos e decorrentes do modelo "*market-friendly*" adotado. As economias asiáticas teriam respondido prontamente aos choques externos, mantendo-se próximas aos fluxos comerciais e financeiros gerindo políticas macroeconômicas corretas. O contrário do que teria ocorrido na A. Latina.

Conforme observou-se anteriormente, as economias asiáticas distinguem-se efetivamente das demais economias em desenvolvimento em termos de participação no comércio internacional nos anos 80, mais especificamente, a partir de 1985. Se considerarmos as taxas de crescimento nas décadas de 60 e 70 o dinamismo das economias asiáticas não excedeu significativamente a média das economias latino-americanas.³ Limitando-se a análise apenas ao sul da Ásia (incluindo a Índia), no período entre 1960 e 1973, infere-se que a A. Latina cresceu a taxas mais elevadas. Ainda que os “tigres” tenham crescido mais rápido desde os 60s, economias como a do Brasil e do México tiveram um desempenho extraordinário entre 60 e 80. Na década seguinte o movimento inverteu-se completamente.

O desempenho da Ásia nos anos 80 foi amplo e generalizado. Economias completamente distintas, tanto em termos de instituições quanto em termos de padrão de desenvolvimento, como a Índia (fechada e continental) e Formosa, a Indonésia e Hong-Kong, China e Tailândia cresceram a taxas muito elevadas.

Estes dois fatos - a descontinuidade dos anos 80 e a regionalização do crescimento - colocam indagações e questionam algumas das principais proposições sobre as diferenças observadas entre economias em desenvolvimento. Notadamente: - as interpretações excessivamente centradas nos fatores endógenos a cada país perdem capacidade explicativa sobre a performance ocorrida nos 80 entre países asiáticos quando se constata uma convergência de taxas de crescimento entre economias tão díspares; - as interpretações que atribuem a descontinuidade observada nos anos 80 entre países asiáticos e latino-americanos

“Japan, the World Bank, and the Art of Paradigm Maintenance: The East Asian Miracle in Political Perspective”, *New Left Review*

³Uma clara exposição da descontinuidade do desenvolvimento econômico entre os países da Ásia e América Latina ocorrida dos anos 80 é apresentada por Singh, A.(1994) “Growing Independently of the World Economy: Asian Economic Development Since 1980” *UNCTAD Review*, 1994

aos fatores estruturais construídos no pós-guerra perdem consistência quando se compara trajetórias como as do Brasil com as Coréia, da Índia ou da Indonésia.

Indubitavelmente a crítica destas hipóteses atinge diretamente as explicações sobre “sucesso” e “fracasso” típicas do BIRD. Mas estes fatos não deixam de questionar, por outro lado, as versões tipo *state-led growth* ou, pelo menos o seu componente fortemente endogenista e voluntarista. De certo modo elas partilham de um “nacionalismo metodológico” como assim denominou Gore (1996)⁴ referindo-se a análises em que os fatores externos são isolados e separados das transformações internas.

Quando se incorpora no contexto da análise visões menos dicotômicas entre o “interno” e o “externo”, torna-se forçoso o reconhecimento de que a crise internacional dos anos 80 incidiu de forma bastante diferenciada sobre os países periféricos da Ásia e da América Latina.⁵ Esta proposição, embora crucial, não conta toda a história. O diferente quadro macroeconômico externo poderia explicar, no caso da Ásia, porque o crescimento econômico não foi abortado (como na A. Latina) mas não a aceleração da taxa de investimento, e muito menos a sua direção e composição.

Convém nos determos um pouco mais neste ponto. O que caracteriza o papel subordinado dos países periféricos (quer latinos ou asiáticos) é sua forte dependência às finanças internacionais⁶. Foi o maior ou menor acesso a estas que historicamente permitiu acelerar a taxa de crescimento do produto e aprofundar a industrialização. A ampla disponibilidade do crédito internacional nos anos 70 ao lado de termos de trocas favoráveis possibilitou, nesta década, elevadas taxas de crescimento e estratégias industrializantes numa escala mundial. Como salientou Parboni (1980) a viabilidade financeira desta forte expansão requereria mercados amplos nos países industrializados para as exportações dos países receptores do crédito internacional. A exportação de manufaturas em países como

⁴Para Gore estas análises “... tentam explicar as tendências econômicas e sociais dos países basicamente por referências a fatos sobre os próprios países. O objeto da investigação é freqüentemente o desempenho econômico e social de um país, usualmente em comparação com outros países. Os desempenhos específicos são tipicamente “explicados” dividindo os fatores causais em fatores “internos” e “externos”, e então o que ocorre num determinado país ou a conjunto de países de uma determinada região do mundo é atribuído aos fatores internos (como o Leste Asiático, ou América Latina)”pg. 5 “O principal aspecto do nacionalismo metodológico é que este isola e separa a influência dos fatores externos sobre os fatores internos.” idem “... assume-se que as economias nacionais são entidades abstratas e são (em vários graus) “abertas” mas não situadas em relação a outras economias. A existência de qualquer estrutura na economia mundial é desconsiderada e assume-se que todos os países enfrentam o mesmo ambiente externo.” idem em Gore, C. (1996) Methodological Nationalism and the Misunderstanding of East Asian Industrialization, European Journal of Development Research, vol. 8, No 1, June 1996. Grifo meu

⁵Ver próximo item.

Brasil, México, Coréia e Formosa para os países da OCDE, foi acelerada por este vínculo financeiro.⁷

Nos anos 80, a abrupta contração do crédito internacional e sua concentração nos países mais ricos, em particular nos EUA, e em algumas regiões como na Ásia, alterou de forma significativa a inserção externa dos países periféricos. O comportamento dos países latino-americanos nos anos 80 e 90 revelou de forma exemplar sua fragilidade e subordinação financeira: com exceção do Chile e Colômbia - que não se marginalizaram de todo dos créditos internacionais- os anos 80 foram marcados pela escassez de financiamento externo, instabilidade macroeconômica e desinvestimento. Em escala distinta mas geral entre os países da região, a década foi marcada por uma “...luta cada

⁶Para uma rica análise do contexto internacional e a industrialização dos países periféricos nos anos 70 ver Parboni, R. (1980) *The Dollar and Its Rivals*, Edit. Verso

⁷Neste sentido, o *drive* exportador dos NICs foi precedido pela abundância do crédito internacional. O diferente acesso dos países em desenvolvimento aos mercados industrializados deve ser considerado num contexto geopolítico. Com efeito como observou Prebisch, com anterioridade, o nexos entre financiamento internacional e exportações depende de elementos estruturais e não de exortações a uma boa conduta financeira...

“Poderia tê-lo sido no século XIX, quando existia um nexos lógico entre desenvolvimento para fora e empréstimos e investimentos exteriores, que eram primordialmente destinados ao crescimento das exportações. E essas crescentes exportações permitiam pagar com relativo desafogo os serviços também crescentes, sem necessidade de aumentar as contribuições internacionais” Em Prebisch, R. (1964) *Dinâmica do Desenvolvimento Latino-americano* Fundo de Cultura, pg. 109. No século XX, e particular no pós-guerra o nexos se rompeu pela estrutura de comércio “simétrica e fechada” dos EUA, ao contrário da Inglaterra, os EUA “não precisavam de uma divisão internacional de trabalho que os favorecesse em termos absolutos ou relativos” (Tavares, op. cit. pg. 25) A abertura do seu mercado para o Japão e posteriormente para os demais países asiáticos - foi, como será argumentado mais a frente, motivado por interesses estratégicos e políticos. A ampla expansão do crédito internacional nos anos 70 não repôs para o conjunto dos países periféricos uma articulação lógica entre financiamento e exportações a menos para as economias pequenas e para os investimentos em recursos naturais - particularmente em petróleo- em áreas com vantagens absolutas. Neste sentido, ainda que de forma desigual devido ao tratamento politicamente diferenciado pelos EUA, a exportação de manufaturas de países periféricos foi decorrente de estratégias nacionais autônomas aceleradas, nesta década, pelo crescimento do endividamento.

A conexão entre financiamento internacional e exportações esteve presente na Ásia nos anos 80 e 90 através do IDE no setor manufatureiro. No caso latino-americano, no anos 90, a estrutura do financiamento externo com o predomínio dos investimentos de portfólio não possui articulação com as exportações, mas com as importações. Ver próximo item.

vez mais acentuada entre serviços (financeiros) e importações”⁸ O acesso aos fluxos financeiros internacionais nos 90 altera inteiramente o quadro macroeconômico e muda o grau e a natureza da restrição externa.

Em condições de escassez de finanças internacionais - como a que diferenciadamente se abateu sobre os países periféricos- a única forma de deslocar a restrição externa e manter o crescimento econômico é através do aumento das exportações; mas como aumentá-las num momento marcado por recessão entre os países da OCDE e queda de preços das *commodities* nos mercados internacionais?

Num artigo publicado em 1980, A. Lewis⁹ apresentava o problema assumindo a baixa taxa de crescimento da economia mundial e o protecionismo dos países ricos como um problema estrutural. Podem as economias em desenvolvimento manter elevada taxa de crescimento face a um declínio deste nos países mais desenvolvidos? A redução das taxas de crescimento dos países da OCDE, prosseguia o argumento, e conseqüentemente de suas importações, imporá aos países menos desenvolvidos uma restrição à sua capacidade de importar, inviabilizando taxas de crescimento mais elevadas. Um esforço exportador por parte dos países atrasados, especulava Lewis, dificilmente seria exitoso. No caso de bens primários a iniciativa seria frustrada por uma previsível deterioração dos termos de troca. A exportação de manufaturas seria possível como estratégia individual a nível de cada nação, mas pouco provável para o conjunto dos países em desenvolvimento, face a redução da capacidade de importar dos países mais desenvolvidos. A manutenção de uma taxa elevada de crescimento econômico entre os países menos desenvolvidos numa fase marcada pela recessão entre os países mais ricos, requeria, segundo Lewis, e numa direção semelhante a que apontava Prebisch (1964)¹⁰, uma expansão do comércio entre os países em desenvolvimento. A maior dificuldade seria a oferta de bens de capital. O problema residiria menos na disponibilidade física - alguns países de maior grau de industrialização (Lewis cita Brasil, Coréia, Cingapura) já possuíam razoável oferta mas na questão mais geral de financiamento. Com moedas nacionais e inconvertíveis o comércio entre os países menos desenvolvidos é forçado a adotar uma moeda internacional o que introduz, por esta via, a restrição ao crescimento. Por outro lado, o financiamento das exportações de bens de capital

⁸Prebisch, R. (1964) Dinâmica do Desenvolvimento Latino-americano” Fundo de Cultura pg. 108.

⁹Lewis, A. (1980) “The Slowing Down of the Engine of Growth”, A.E.R., setembro

requer instituições financeiras de porte. Superada estas restrições, o comércio intrapaíses poderia viabilizar taxas mais elevadas de crescimento econômico e, por isto, atrair empresas transnacionais ampliando as fontes de financiamento ao crescimento econômico.

Conforme se argumenta neste capítulo, os EUA expandiram o seu mercado num momento marcado por forte a contração nos demais mercados da OCDE e serviram de “locomotiva” para o resto do mundo mas especialmente para a primeira geração dos NICs. Estes adicionalmente beneficiaram-se, ao lado dos demais países asiáticos, das condições apontadas anteriormente: a existência de centros financeiros sofisticados operando com moedas conversíveis e ancoradas ao dólar, a disponibilidade de bens de capitais japoneses e coreanos, os IDEs japoneses e dos NICs decorrentes da reestruturação destas economias, a meteórica expansão chinesa e do comércio com Hong-Kong, os *suppliers' credits* e acúmulo de superávites com o comércio com a OCDE viabilizaram extraordinária expansão do comércio regional permitindo, na maioria dos países, taxas de crescimento mais altas do que as verificadas nos anos 70.

Todas estas condições estiveram ausentes na América Latina. A expansão das exportações se deu em detrimento do crescimento da demanda interna, a deterioração dos termos de troca ocorreu de forma generalizada, a escassez de crédito internacional (parcial exceção do Chile e Colômbia) e, nos anos 80, a ausência de IDEs conectados com fluxo de bens de capital, determinaram um padrão de ajuste inteiramente distinto.

A partir da segunda metade dos anos 80, a explosão do crescimento asiático e a sua direção estrutural deve ser considerado num contexto de economia regional¹¹ marcado,

¹⁰Prebisch, R. (1964) Dinâmica do Desenvolvimento Latino-americano, Fundo de Cultura

¹¹A importância da economia regional enquanto unidade de análise para o entendimento das transformações do capitalismo asiático vem ganhando espaço entre economistas e historiadores. Para Ikeda (1996) “Pesquisadores que insistem na importância do dinamismo intra-asiático partilham com a perspectiva “world system” a rejeição do modelo desenvolvimentista onde a nação ou economia nacional constitui a unidade de análise.”(Ikeda, S. “The History of Capitalist World System vs. de History of East- Southeast Asia” Review, XIX, 1, 1996, pg. 50) Mais explicitamente: “Entre diversas contribuições e sugestões provocativas, o seu argumento (de Takeshi Hamashita) mais importante é o de que existe um nível intermediário de análise, a região ou zona, uma mediação entre o processo histórico de um país, e o processo histórico de um sistema mundial global.”(idem pg. 52). Não se pretende aqui acompanhar as amplas dimensões em que se desenvolve esta abordagem histórica. Esta, a despeito de ricas sugestões sobre os desdobramentos regionais dos conflitos históricos entre China e Japão tem como principal debilidade a imprecisão e indefinição dos mecanismos que unificam um determinado espaço regional. De forma bem mais objetiva Arrighi, G (1994) em O Longo Séc. XX, Unesp, aborda a economia regional como um espaço de expansão do capitalismo japonês reconstruído no pós-guerra inicialmente por razões estratégicas americanas e posteriormente por razões econômicas japonesas. Neste último sentido encontra-se o texto de Akius, Y. (1996) “New Trends in Japanese Trade and FDI: Post-Industrial Transformation and Policy Challenges” UNCTAD, Study No 1. Com ênfase na retomada da hegemonia e reorganização da economia americana, Tavares (1985) sublinhava que “...o desenvolvimento futuro da economia mundial, dada a sua atual estrutura aponta para uma arquitetura mais complexa do que uma simples agregação de economias nacionais ou de sub-sistemas

nestes anos por drástica mudança na estratégia internacional dos capitais japoneses e pela ascensão da China no comércio internacional. Este movimento faz parte da reestruturação da economia mundial, retomada da hegemonia americana e acirramento da concorrência global polarizada entre os países da Tríade (EUA, UE e Japão). De uma *export strategy* essencialmente nacional, o Japão pressionado por uma política cambial desfavorável, aprofundou e desenvolveu uma estratégia de produção internacionalizada no leste e sul da Ásia. A este movimento acrescenta-se o transplante de setores - o *hollowing-out*¹², como a imprensa o descreve, através do aumento do IDE na região promovidos pelo conglomerados japonesas. Movimento similar, vem ocorrendo na Coréia e Formosa. Os centros financeiros e comerciais como Hong-Kong, Cingapura e Formosa adotaram, por sua vez, estratégias extremamente agressivas investindo pesadamente na China e países do sul da Ásia. A extraordinária expansão das Zonas Econômicas Especiais na China como Shenzhen, Zhuhai, Shantou e Xiamen próximas a Hong-Kong, Formosa e Macau faz parte de um processo de reestruturação geopolítica articulando os interesses e os mercados na região

Como resultado destes processos, foi se afirmando um *cluster* regional de investimento e de comércio intra-indústria e intrafirma permitindo às empresas, sobretudo japonesas e coreanas, formar no setor manufatureiro importantes economias de escala e de especialização. Este último aspecto é o que diferencia essencialmente a integração estratégica dos países da região e dá algum sentido às teses da globalização produtiva, equivocadamente generalizada *urbi et orbe*. Esta dinâmica não pode, contudo ser explicada fora de um contexto marcado por expansão macroeconômica regional combinando investimentos, comércio inter-indústria e penetração nos grandes mercados da OCDE.

Ásia e América Latina: Distintos Anos 80

A avaliação dominante nos estudos comparativos sobre desempenho macroeconômico das economias nacionais é a de que os choques externos ocorridos nos anos 80 afetaram de forma indiferenciada a economia mundial.

de empresas e bancos transnacionais poderiam indicar” Tavares, M. C. “A Retomada da Hegemonia Americana, mimeo, texto para discussão IEL, nº 77 pg. 45

¹²Visto da perspectiva do país hospedeiro, o IDE japonês corresponde a uma substituição de importações e deslocamento de exportações já que a estratégia é a de servir simultaneamente o mercado interno e externo.

Segundo Singh (1994) os países em desenvolvimento foram atingidos por quatro diferentes tipos de choque: um choque de demanda, um choque de termos de troca, um choque de taxa de juros e um choque de oferta de capital. A literatura dominante raramente aborda os quatro em conjunto, raramente referindo-se ao último. No entanto, é notável o fato de que os bancos continuaram a financiar as economias asiáticas a despeito de elevados déficits em transações correntes como proporção do PIB em países como Coréia ou Indonésia

Quadro 1

Ingresso de Capital Externo em Países Seleccionados na América Latina e Ásia
Saldo da Conta de Capitais % do PIB

	1984/89	1990/1992	Aumento
América Latina			
Colômbia	2	1	-1
Chile	-1,7	5,9	7,6
Peru	-5,3	-0,3	5
Argentina	-1,6	2,2	3,8
México	-0,4	6,2	6,6
Brasil	-2,3	-0,3	2
Média dos 6 países	-1,6	1,4	3
Ásia			
Indonésia	2,2	5	2,8
Coréia	-2	1,3	3,3
Malásia	-0,4	8,7	9,1
Filipinas	-3,8	1,9	5,7
Cingapura	5	3,3	1,7
Formosa	0,1	-4,9	-5
Tailândia	4,2	11	6,8
Média dos 7 países	0,8	3,8	3

Fonte: UNCTAD

O quadro 1 apresenta para alguns países da América Latina e da Ásia o saldo da conta de capitais nos períodos 1984-1989 e 1990-1992. No caso dos países latino-americanos - com exceção da Colômbia - o primeiro período é marcado por transferências líquidas para o exterior, um movimento que no caso asiático só foi notório nas Filipinas e Coréia. No caso da Coréia, entretanto, a saída de capital registrada neste período, se deu num momento marcado por grandes superávites em transações correntes. A partir de 1990 o continente latino-americano entra no circuito financeiro internacional essencialmente como

receptor de investimentos de portfólio (ações e lançamento de títulos de dívida) como se evidencia no Quadro 2.

Quadro 2

Financiamento Externo 1991 - 1994

País	Total \$ bilhões	Dos quais (%)		
		Empréstimos	Investimentos em portfólio	IDE
América Latina				
Argentina	31,4	8	47	45
Brasil	21,4	8	64	28
Chile	7,9	25	25	49
Colômbia	4,7	9	26	65
México	63	15	51	34
Venezuela	9	27	36	38
Ásia				
China	110,2	18	13	70
Indonésia	9,1	30	56	14
Coréia	37,7	65	14	21
Malásia	32,2	35	7	57
Filipinas	7,2	13	53	35
Cingapura	34	39	52	9
Formosa	25,6	24	7	70
Tailândia	39	62	16	22

Fonte: BIRD, FMI, UNCTAD

Um rápido confronto entre o balanço de pagamentos da Coréia (em 1984 a Coréia possuía a 4ª dívida externa do mundo, atingindo em 1985, 50% do PIB) e do Brasil é sugestivo. Em 1980 a economia brasileira exportava mais do que a Coréia, recebia maiores volumes de investimento externo e empréstimos dos bancos privados. Entre 1981 e 1985 o Brasil continuava exportando uma média anual superior a coreana. No entanto, ao contrário do que passou neste país nestes anos, os empréstimos líquidos foram

Quadro 3

Ásia e América Latina: Transferências Financeiras, Exportação, Importação e Investimento na segunda metade dos anos 80

	1985	1987	1989	1991
Coréia				
Renda líquida de serviços/exportações f.o.b.	(0,11)	(0,05)	(0,01)	-
Importações/PIB	(0,30)	(0,34)	(0,31)	(0,32)
FBK fixo/ PIB	0,28	0,29	0,32	0,38
Cingapura				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	0,03	0,00	0,02	0,03
Importações/PIB	-	-	-	-
FBK fixo/ PIB	0,42	0,36	0,36	0,40
Tailândia				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,09)	(0,08)	(0,05)	-
Importações/PIB	(0,24)	(0,29)	(0,39)	-
FBK fixo/ PIB	0,42	0,36	0,36	0,40
Malásia				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,14)	(0,11)	(0,09)	(0,06)
Importações/PIB	(0,50)	(0,50)	(0,69)	-
FBK fixo/ PIB	0,30	0,23	0,30	-
Indonésia				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,19)	(0,21)	(0,20)	(0,18)
Importações/PIB	(0,20)	(0,22)	(0,23)	-
FBK / PIB	0,28	0,31	0,35	-
Brasil				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,44)	(0,39)	(0,37)	-
PIB***	1383	1542	1592	-
Importações/PIB	(0,07)	(0,46)	(0,04)	-
FBK fixo/ PIB	0,17	1,67	0,20	-
***bilhões de Reais				
Argentina				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,68)	(0,74)	(0,71)	(0,50)
Importações/PIB	(0,09)	(0,10)	(0,09)	-
FBK fixo/ PIB	0,13	0,14	0,09	-
Chile				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,55)	(0,33)	(0,25)	(0,19)
Importações/PIB	(0,26)	(0,29)	(0,34)	(0,31)
FBK fixo/ PIB	0,14	0,16	0,18	0,18
México				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,41)	(0,34)	(0,34)	(0,25)
Importações/PIB	(0,10)	(0,12)	-	-
FBK fixo/ PIB	0,19	0,19	-	-

*Fonte: International Financial Statistics; INTERNATIONAL MONETARY FUND Junho 1996

negativos levando a uma intensa contração das importações e forte déficit na balança de transações correntes. A maior fragilidade externa da economia brasileira - expressa por uma relação entre transferências líquidas para o exterior e exportações¹³ - poderia explicar uma menor credibilidade junto aos banqueiros internacionais e, por isto um menor acesso ao financiamento externo, mas não um colapso na captação como de fato ocorreu. O Quadro 3 evidencia o distinto grau de fragilidade externa entre países asiáticos e latino-americanos.

Entre 1986 e 1990 enquanto as exportações brasileiras permanecem num patamar semelhante ao do início da década as exportações coreanas crescem a elevadas taxas de crescimento (ainda que mais baixas do que as verificadas nos anos 70), mais do que dobrando os valores absolutos anteriores. Do mesmo modo, as importações mais do que duplicam embora se mantivessem bem abaixo das exportações. Com taxas de crescimento em torno de 10% a.a., a Coréia gerou seguidos superávites na balança de transações correntes.

A história brasileira é conhecida: sob o peso das transferências financeiras a economia se vê estrangulada por déficits seguidos no balanço de pagamentos e contração das reservas. Com um colapso dramático em sua capacidade de importar a economia brasileira é constrangida a exportar via sucessivas desvalorizações cambiais e contração da absorção interna¹⁴. Também na Coréia ocorrem transferências financeiras ao exterior mas numa proporção muito mais baixa e sem restringir sua capacidade de crescer. Em uma palavra: para a Coréia, mas também para a Índia ou Tailândia, os choques de juros, preços relativos e demanda que caracterizaram a economia mundial nos anos 80 não resultaram em restrição externa ao crescimento comparável, em qualquer sentido, à que se abateu sobre o Brasil e a América Latina.

¹³Em economias abertas Mc Combie e Thirwall (1994) consideram a relação entre a taxa de crescimento das exportações e a propensão média a importar como decisiva para a determinação da restrição externa ao crescimento econômico. Ver Mc Combie, J. S. L.; Thirwall, A. P. *Economic Growth and the Balance-of- Payments Constraint*, St. Martin's Press. Muito embora esta relação seja importante para as trajetórias de crescimento no longo prazo, desconsidera um elemento essencial em economias endividadas. Nestas, como antes se observou com Prebisch, os serviços financeiros entram em choque com as importações impondo uma restrição ao crescimento econômico. Nos anos 80 os juros pagos aos credores absorveram elevada parcela das receitas de exportação obrigando os países latino-americanos a reduzirem ainda mais o seu grau de abertura externa. Nos anos 90, a redução do juro e das transferências foi acompanhada por uma explosão de importações. Duas características estruturais distinguem estas economias em relação as asiáticas. Sua menor taxa de crescimento das exportações e sua maior remessa de juros. Ver adiante.

¹⁴Independentemente da importância das exportações autônomas geradas pelos novos setores implantados nos anos 70 na economia brasileira, esta foi obrigada, nos 80, a um fechamento sem precedentes e uma política cambial extremamente ativa. "O Brasil tem feito desvalorizações cambiais além do que precisa, em termos de suas estruturas de preços internos, exclusivamente para concorrer. Ao contrário do que se tem dito, nós estamos, em termos de estrutura interna de custos

Em 1980, após o choque dos juros, a Coréia recorre ao FMI, desvaloriza o won e fixa metas monetária contracionistas (semelhante ao que ocorreu no Brasil). O resultado imediato foi aceleração da inflação, no entanto, como atesta o Banco Mundial, e contrariamente o que se passou na A. Latina e no Brasil, os fluxos financeiros para Coréia não se reduziram, permitindo manter alto nível de investimento. Em 82 e 83 a inflação e o déficit em transações correntes caíram, a economia cresceu a taxas excepcionais. Quais as razões para a estagnação das exportações brasileiras e a explosão das coreanas a partir da segunda metade da década ? As explicações convencionais atribuem ao excepcional desempenho exportador coreano aos *animal spirits* dos empresários coreanos e a um conjunto de políticas macroeconômicas corretas - entre as quais uma maior abertura externa- o contrário das que prevaleceram no Brasil.¹⁵

No confronto entre América Latina e Ásia pós 85 as diferentes performances exportadoras não contam toda a história. A experiência mexicana nos anos 90 é reveladora. Entre 1989 e 1994 as exportações industriais mexicanas cresceram a taxas espetaculares. No entanto, ao contrário da Coréia, o déficit comercial e o de serviços levaram a insustentáveis déficits na balança de transações correntes. A economia coreana obteve na segunda metade dos 80 uma invejável taxa de crescimento de cerca de 10% a.a., as importações, por seu turno, cresceram cerca de 24% a.a. nestes anos e os serviços financeiros em relação às exportações decresceram acentuadamente. Confronte-se com o México: para um crescimento do PIB inferior a 3% as importações cresceram 26% a.a. num momento em que os serviços financeiros em relação às exportações era 10 vezes maior que o coreano!

Este desempenho diferenciado, há que se recordar, não é exclusivamente coreano e mexicano. Elevadas dívidas externas e internas caracterizaram nos anos 80 a trajetória de países de menor grau de desenvolvimento econômico e com distintas características estruturais como a Malásia, a Indonésia e a Tailândia. Em relação à dívida interna, Malásia e Tailândia manobram défices fiscais muito maiores que os do Brasil. No entanto, a manutenção do financiamento externo - graças a uma menor fragilidade externa e a

das exportações, desvalorizando excessivamente e por isto perdendo nas relações de troca.” Tavares, M. C. “A Retomada da Hegemonia Norte-Americana” mimeo, IEI texto nº 68, pg. 17

¹⁵ Mesmo autores próximos à ortodoxia, consideram que a conexão entre abertura externa e exportações depende de um conjunto de circunstâncias. A consequência imediata da abertura é, esta sim, generalizável, o aumento das importações, ver Rodrik, D.(1992) “The Limits of Trade Policy Reform in Developing Countries” Journal of Economic Perspectives, Vol. 6, No 1. Rodrik observa que historicamente a reação imediata dos países a uma crise de balanço de pagamentos é o fechamento e não abertura. A intensa e unilateral abertura comercial e financeira observada na América Latina a partir de 1985 foi essencialmente política. Ver próximo item.

dinâmica dos investimentos regionais - amorteceu e deslocou as restrições de balanço de pagamentos ao crescimento econômico. Em relação ao comportamento das exportações, estes países tiveram na segunda metade dos 80, um desempenho ainda mais formidável que o coreano.

As explicações correntes para o diferente tratamento dos bancos em relação à economias endividadas e, portanto o diferenciado acesso às finanças internacionais, oscilam entre "sorte", os instintos "de manada" dos bancos, o efeito "contágio", etc.¹⁶.

Do ponto de vista macroeconômico, a conseqüência maior dos distintos anos 80 na Ásia e América Latina sobre os anos 90 foi a maior fragilidade externa que se abateu no continente latino-americano em meio a abundância de capitais externos. Esta vulnerabilidade decorre de três aspectos. O maior peso das transferências financeiras, a menor taxa de crescimento das exportações, a maior volatilidade dos fluxos de capitais. Fatores geopolíticos, macroeconômicos, microeconômicos e institucionais estão na base desta fragilidade.

É importante avançar um pouco mais nesta diferenciação examinando a segunda metade dos anos 80.

A Macroeconomia da Segunda Metade dos Anos 80

O Acordo de Plaza realizado pelo G7 em 1985¹⁷ forçou uma pronunciada valorização do iene frente ao dólar - em um ano o dólar passou de 250 para 155 ienes - e inaugurou uma ampla ofensiva comercial dos EUA visando reverter seu déficit estrutural na balança comercial com o Japão¹⁸.

¹⁶ “Provavelmente a razão isolada mais importante de porque os países asiáticos escaparam da crise da dívida dos 80s deve-se ao fato de que não foram submetidos a um choque de financiamento. No entanto a questão importante é por que os bancos interromperam o empréstimo ao México e ao Brasil enquanto continuaram financiar os amplos déficits em conta corrente da Coréia? Larrain e Vergara (1993) sugerem que os coreanos foram simplesmente sortudos. Williamson (1985) atribui ao instinto de “manada” dos bancos e ao efeito “contágio”. Ele sugere que se a Coréia fosse um país latino-americano, talvez fosse submetido ao efeito contágio e provavelmente não teria tido tanta sorte.” Sing. (1994), op. cit., pg. 99 Nesta mesma linha caberia também indagar: se estivesse localizada no continente latino-americano a Coréia teria podido dobrar suas exportações, crescer a taxas próximas a 10% a.a. e abrir um superávit comercial capaz de compensar as transferências financeiras e ainda acumular reservas?

¹⁷ Para uma análise dos aspectos econômicos e políticos da valorização do iene e do marco em relação ao dólar ver os capítulos....

¹⁸ O ano de 1985 foi um “...divisor de águas, neste ano os EUA registraram déficits comerciais e fiscais (ou “déficits gêmeos”) sem precedentes. Adicionalmente, os EUA se transformaram na nação mais endividada do mundo, sendo

A transformação do Japão nos anos imediatos ao Acordo de Plaza no maior investidor internacional constituiu uma estratégia de ajustamento estrutural aos novos alinhamentos macroeconômicos. Sob intensa pressão comercial exercida pelo EUA e perda de competitividade de suas exportações o Japão intensifica um processo de deslocamento produtivo em direção aos países do leste e sudeste asiático¹⁹. A percepção de que a valorização do iene era uma mudança duradoura e não temporária afirmou-se rapidamente como uma “convenção” tanto para as empresas japonesas quanto para as burocracias²⁰.

A valorização do iene, a estratégia de investimentos do Japão e o crescimento da economia americana beneficiou fortemente países como Coreia e Formosa. Cumpre ressaltar aqui a importância estratégica da política cambial praticada por estes países. Na primeira metade dos anos 80 ambos desvalorizaram suas moedas em relação ao dólar seguindo o

substituída pelo Japão como maior nação credora. Também durante este ano tratados comerciais extremamente protecionistas (muitos dirigidos para o Japão tendo em vista os seus massivos superávites) foram submetidos ao Capitol Hill. Era intenção do Congresso (que possui a jurisdição constitucional sobre o comércio externo) sinalizar para a Casa Branca de Reagan que o legislativo iria assumir o controle da política comercial a menos que o executivo exercesse maior controle sobre a macroeconomia e as práticas “injustas” do Japão e a de outros grandes parceiros comerciais. No outono de 1985, Reagan finalmente cedeu à pressão do Congresso decidindo intervir (através do Acordo de Plaza do G-5) no mercado cambial e invocar ativamente o Artigo 301 do Tratado comercial de 1974 de forma a controlar as práticas comerciais consideradas “injustas”. Sato, H. “The Changing International System and Trade-Conflict Management between Japan and United States”, *Journal of International Political Economy*, Vol.1, No 1, 1966, pg16. Nesta mesma linha de argumentação ver também Akyus, Y (1996) op. cit.

Com o *Omnibus Trade Action* de 1988, - que contém a “*Super 301*”- a política e mercantilista americana aumentou a capacidade de retaliação às consideradas “*unreasonable, unfair or inequitable trade practices*”. Em 1989 o Japão foi colocado na lista dos “*unfair traders*” e foram abertas negociações em torno do denominado *Structural Impediments Initiative*. Conforme sublinha Sato, a ofensiva comercial a partir de 1985 distingue-se pela agressividade e determinação das políticas anteriores baseadas nos acordos de limitações voluntárias de exportações (Voluntary Export Restrictions) e na “*market access strategy*” focalizada na promoção de exportações agrícola e de setores de alta tecnologia.

¹⁹A organização de uma economia regional liderada pelo Japão fez parte dos processos de reorganização dos espaços econômicos e políticos no contexto da guerra fria. Arrighi (1994, op. cit.) descreve este processo do seguinte modo:

“Na década de 1950, os Estados Unidos haviam promovido a integração separada do Japão e de suas antigas colônias em suas próprias redes de comércio, poder e proteção. Na década de 60, sob o impacto de restrições financeiras mais graves, começaram a promover a sua integração mútua em redes de comércio regional centradas no Japão. Com esse objetivo, o governo norte-americano incentivou ativamente a Coreia do Sul e Formosa a superarem seus ressentimentos nacionalistas contra o passado colonialista do Japão e a abrirem suas portas para o comércio e os investimentos japoneses. Assim, sob a hegemonia norte-americana, sem nenhum esforço, o Japão obteve a hinterlândia econômica que tanto lutara por obter através da expansão territorial na primeira metade do séc. XX, e que acabara perdendo na catástrofe da segunda Guerra Mundial.” (Arrighi, op. cit., pg. 354). A novidade, a partir de 1985, foi o papel preponderante dos grandes conglomerados japoneses, a intensidade do deslocamento e o seu sentido no contexto do conflito comercial com os EUA. Arrighi adota aqui a noção de desenvolvimento a convite, originalmente mencionada por Wallerstein. Numa abordagem convergente, Tavares (1985) refere-se à formação no início dos anos 80 de uma área de interesse privilegiada dos EUA, “sua base ampliada do Pacífico”. Ver próximo item.

²⁰ “A resposta das empresas japonesas à apreciação do iene e à continuada fricção comercial foi de três tipos. Primeiro elas investiram pesadamente em casa de forma a acelerar a produtividade e cortar custos. Em segundo lugar elas investiram pesadamente nos EUA e, numa menor extensão na Europa de forma a abastecer diretamente estes mercados com plantas locais, evitando protecionismo e protegendo lucros. Finalmente, elas realocalizaram a produção para países de baixo custo no leste asiático, primeiro nos NICs depois na ASEAN e China de forma a exportar tanto para terceiros mercados e de volta para o Japão como para abastecer os mercados locais. Tudo isso indica que as empresas japonesas

iene. Na segunda metade da década, seguiram o movimento do dólar desvalorizando suas moedas em relação ao iene.

O crescimento dos já elevados excedentes comerciais em ambos países levou a uma mudança de atitudes dos EUA com o fim de cláusulas de tratamento preferencial, com a imposição de restrições voluntárias de exportações e, por fim, pela valorização de suas moedas no final da década. Da mesma forma que o Japão, Coreia e Formosa tornaram-se importantes investidores no início dos anos 90. Países como Tailândia, Indonésia, Malásia, Filipinas (doravante denominados de ASEAN-4) e China também alinharam suas moedas de forma semelhante no início da década mas, ao contrário da Coreia e Formosa mantiveram-se desvalorizadas e beneficiaram-se (no caso dos países do ASEAN-4) de tratamento favorecido e não discriminatório dos EUA. No início dos anos 90 afirmaram-se como os maiores receptores de IDE do Japão e dos 4 “tigres”²¹

Assim, é possível dizer que aceleração do crescimento na Coreia e Formosa pós 85 deveu-se a: a) forte crescimento das exportações decorrente da valorização do iene e da expansão da economia americana e dos novos mercados nos países do ASEAN 4 e; b) do aumento dos investimentos e da competitividade externa acelerada pelo IDE japoneses.

A aceleração do crescimento dos países da ASEAN-4 deveu-se ao *boom* das exportações e ao investimento, sobretudo sob a forma de IDE do Japão e demais "tigres". Neste aspecto, talvez o caso mais espetacular de crescimento neste período tenha sido o da China. Em 1984, o financiamento externo da economia chinesa foi de \$12,9 bilhões e o IDE foi de \$12,6 bilhões. Em 1987 estes números foram, respectivamente \$ 58,1 e \$23,1 totalizando a impressionante cifra de \$84.5 bilhões. Ajudada por uma forte desvalorização do yuan tanto em relação ao iene quanto ao dólar, a meteórica expansão do comércio exterior chinês foi inteiramente articulada com o IDE de origem asiática, em particular, de Hong-Kong, responsável por cerca de 60% dos IDE que se deslocaram nestes anos para a China. A expansão do investimento de Hong-Kong na China alterou drasticamente o

perceberam a apreciação do iene pós Plaza como uma mudança permanente e não um deslocamento temporário.” Akyus, op. cit. pg. 13

²¹ “A valorização do iene inicialmente beneficiou os NICs (os 4 “tigres”) que receberam amplo volume de IDE japonês. Inicialmente estes investimentos concentraram-se em manufaturas intensivas em trabalho, mas subsequentemente deslocaram-se para setores intensivos em tecnologia a medida em que os salários subiam e a moeda destes países valorizava-se em relação ao dólar depois de 1987.....Valorização das moedas e crescimento dos salários nos NIEs bem como sentimentos crescentemente protecionistas contra estes países explica porque o IDE japonês, particularmente em manufaturas intensivas em mão de obra moveu-se gradualmente para ASEAN e China.”(Akyus, op. cit. pg. 14)

comércio internacional de Hong-Kong. Até 1985, a maior parte das exportações desta cidade-estado era de origem própria. A partir de 1985 e mais ainda a partir de 1989, a maioria de suas exportações era formada por reexportações oriundas da China que ademais, afirmou-se como grande mercado para as exportações da ilha.²² Também Hong-Kong, como a Coréia e Formosa perdem em 1989 o sistema de preferências generalizado outorgado pelo EUA, o principal mercado para estes países. Na Ásia, como será examinado na próxima seção, as conexões entre comércio e investimento fazem parte de um mesmo movimento articulado.

Com a desvalorização de suas moedas a partir de 1988, Coréia e Formosa sofreram intensa pressão dos EUA para uma maior abertura comercial e liberalização financeira. O aspecto central é que inicialmente o Japão, e posteriormente Coréia e Formosa, realizaram, sob pressão, importantes mudanças nos seus padrões de financiamento. É interessante notar, no entanto, que a manutenção de baixas taxas de juros na segunda metade da década e de moedas relativamente valorizadas em termos do dólar no final da década resultou, como ocorreu no Japão, menos numa ampliação dos mercados financeiros asiáticos para os bancos americanos e mais numa internacionalização dos bancos e dos investimentos asiáticos. Nas demais economias, com exceção da China, houve amplas transformações na direção de uma maior abertura financeira.²³

É neste contexto que se deve considerar o amplo pacote de reformas financeiras liberalizantes que ocorreram na região incluindo:

- a) desregulação das taxas de juros. Foi particularmente importante na Coréia em 1988 com a taxas de empréstimo, em Formosa ocorreu um movimento gradual ao longo da década. Nas demais economias da ASEAN a liberalização foi intensa sob os auspícios de FMI/BIRD (o mesmo não se deu com a alocação de crédito);
- b) reforma e privatização no sistema bancário (incluindo o Banco de Desenvolvimento da Coréia);

²²Ver Lemoine, F.; et all (1994) "Hong-Kong et la Chine" *Économie Internationale*, nº 57

²³A despeito de sua importância, a abertura financeira na Ásia não é comparável com a ocorrida na América Latina. A manutenção de políticas seletivas de crédito e as restrições às operações de não residentes nos mercados financeiros nacionais ainda observados em países como Coréia, Indonésia e Formosa não mais encontra paralelo no continente latino-americano. Neste, apenas o Chile possui instrumentos efetivos de controle sobre os fluxos financeiros. Ver Akiuz, Y. (1991) "Comercio y Finanzas: Disyuntivas del Ajuste Estructural" *Pensamiento Iberoamericano*, 20

c) desregulação dos controles no mercado de câmbio. Desde 1987, Coréia e Formosa tomaram diversas medidas liberalizadoras do mercado e introduziram sistemas mais flexíveis de taxas de câmbio.

Convém considerarmos a inserção do continente latino-americano na economia mundial. Conforme antes se observou, a América Latina se vê a partir de 1985 confinada a uma posição marginal tanto nos fluxos de comércio quanto de investimento²⁴. As diferenças nacionais importantes em termos de padrão histórico e grau de industrialização - particularmente pelo êxito do desenvolvimentismo brasileiro e mexicano e a desindustrialização chilena e argentina do final dos anos 70- não diferenciaram os países enquanto devedores do sistema financeiro internacional. O intenso esforço exportador latino-americano ocorrido nos anos 80 e, particularmente pós-85 foi acompanhado por deterioração dos termos de troca concentrando-se, com exceção do México e parcialmente do Brasil, essencialmente nas *commodities* agrícolas e industriais.

Entre as duas crises mexicanas (de 1982 a 1994) os acontecimentos econômicos e políticos se sucederam-se na direção de intensa abertura comercial e financeira. A estratégia comercial americana voltada para a recuperação da competitividade das suas exportações, como a que antes se examinou, constitui elemento central para o entendimento da mudança do contexto macroeconômico dos anos 80 em relação aos anos 90 e da atual inserção internacional latino-americana. Com efeito, a crise da dívida externa nos 80 significou forte contração das exportações americanas para a região²⁵.

²⁴ A inserção dos países latino-americanos na divisão internacional do trabalho essencialmente não mudou com os processos industrializantes dos anos 70. Com parcial exceção do Brasil, os demais mantiveram um setor exportador confinado aos segmentos onde havia vantagens absolutas e uma composição de produto voltado a incipientes mercados internos. Onde estes mercados permitiam suficiente divisão social do trabalho houve maior crescimento e mudança estrutural. Nos mercados pequenos, o baixo investimento e baixa produtividade predominaram.

²⁵ Segundo Hollist (1996) "Paradoxalmente, para amortizar suas dívidas as nações latino-americanas necessitavam aumentar suas exportações e reduzir importações. Isto obviamente colidia com a necessidade dos EUA de aumentar exportações e reduzir importações de forma a diminuir seu desequilíbrio, incluindo aquele com o Japão." Hollist, W. L. "Reducing Bilateral Tensions between United States and Japan: Multilateral Cooperation in the Americas and Beyond" *Journal of International Political Economy*, Vol 1, N01, 1966, pg. 61 Para o autor, o crescente envolvimento dos bancos japoneses na dívida externa latino-americana - em 1988 os bancos comerciais japoneses possuíam cerca de US\$ 45.5 bilhões em empréstimos para países latino-americanos mais do que o dobro que possuíam em 1982- sobretudo no plano Brady de 1989 visava "compensar os problemas criados pelo enorme superávit da balança de transações correntes com os EUA na metade da década. Ambos governos dos EUA e do Japão esperavam que a reciclagem de capitais japoneses para a América Latina permitiria às nações da região retomar sua função tradicional de maior mercado dos EUA além de contribuir para a diminuição do seu déficit comercial." Idem pg. 63

A estratégia mercantilista americana praticada nos 80 e na presente década parece seguir uma direção oposta a desenvolvida pela Inglaterra já nos anos 70. Nos anos 80, o peso da dívida externa latino-americana, i.e., as transferências financeiras para os grandes bancos americanos, tinha como contrapartida a redução do mercado externo para a grande indústria americana. A defesa de uma estratégia comercial agressiva por parte do governo dos EUA e a reestruturação da dívida externa permitiram refundir interesses financeiros e industriais do capitalismo americano para a

Com a reestruturação da dívida e a abertura comercial financeira unilateral e universalmente praticada no continente no final dos 80 e início dos 90²⁶, o panorama mudou drasticamente. Mais do que qualquer fundamento macroeconômico endógeno, os protagonistas centrais desta mudança inaugurada no final da década foram a redução das transferências financeiras decorrente da redução das taxas de juros e da reestruturação da dívida e as inovações nos mercados financeiros internacionais. Como se evidencia no Quadro 3, a relação entre os juros pagos e as exportações caem fortemente no Chile já em 1986, na Argentina, no México e no Brasil esta relação só se reduz substancialmente no final da década.

Com a securitização da dívida externa pela emissão de bônus negociados no mercado financeiro americano e com a explosão de inovações financeiras nos mercados internacionais, o continente, precedido pelo México, reingressa no circuito financeiro internacional como receptor de investimentos de portfólio. Uma das condições essenciais de acesso às novas condições das finanças internacionais é a estabilidade das taxas de câmbio em regime de livre convertibilidade. Isto significa no caso latino-americano uma drástica mudança na política cambial historicamente vigente. Nas novas condições, hoje prevalecente na maioria das economias da região com parcial exceção do Chile, a taxa de câmbio passa ser determinada pelo fluxos financeiros (desvinculando-se dos saldos comerciais e poder aquisitivo das moedas) influenciando, por esta via, os fluxos comerciais. Os vínculos entre taxa de juros e taxa de câmbio provocam uma importante instabilidade em ambos - como tornou-se evidente na crise mexicana de 94 - ampliando a subordinação da política econômica às flutuações dos mercados financeiros internacionais.²⁷

região. Em seu texto de 1985, Tavares observava que o maior grau de abertura da economia americana encontrava resistências sérias nos setores afetados. Entre o protecionismo interno e a retaliação dos protecionismos externos a política americana pós 85 logrou promover e rejuvenescer a sua velha estrutura produtiva e comercial. A abertura comercial latino-americana se insere neste movimento.

²⁶A liberalização comercial foi unilateral, intensa e concentrada. Em 1985 no México e no Chile (a abertura chilena dos anos 70 foi revertida no início da década e só retomada em 1985), em 1986 na Bolívia, em 1988 e mais radicalmente em 1990 no Brasil, em 1989 na Argentina e Venezuela, em 1990 no Peru e na Colômbia a tarifa média de importação passou de valores próximos a 40% para menos de 15%. CEPAL, 1996, Tendências Econômicas e Sociais na América Latina e no Caribe. A ampla liberalização financeira ocorrida na maioria dos países da região é discutida em Griffith-Jones, S. "Globalización de Los Mercados Financieros y el Impacto de Los Flujos hacia los Países en Desarrollo: Nuevos Desafíos para la Regulación" Revista de la CEPAL.

²⁷ "Os fluxos de capitais exercem uma influência considerável sobre a taxa de câmbio, e por conseqüência sobre o comércio, e estão por sua vez influenciados por expectativas voláteis no que diz respeito ao rendimento dos ativos financeiros expressos em moeda estrangeira....A experiência demonstra que abandonar as taxas de juros para que sejam regidas pelos fluxos de capitais constitui uma receita para a instabilidade que pode atingir gravemente o desempenho do comércio." Akiüs, I. (1991) "Comercio y Finanzas: Disyuntivas del Ajuste Estructural" Pensamiento Ibero americano, 20, pg. 297

Esta nova situação internacional, ao lado da redução relativa das transferências financeiras, viabilizou o financiamento de uma verdadeira explosão das exportações americanas para o continente. Com uma rápida recuperação da capacidade global de importar do continente, as exportações americanas passaram de cerca de US\$ 35 bilhões em 1987 para US\$92,6 bilhões, em 1994, cerca de 18.1% das exportações totais americanas. Este ajuste importador latino-americano foi essencialmente puxado pelo México. O resto do continente ainda que numa dimensão menos significativa, passou de uma situação superavitária para uma posição deficitária com os EUA.

A expansão das importações latino-americanas deve-se não apenas a elementos estruturais e a contenção forçada dos anos 80, mas a realização em simultâneo de abertura comercial com valorização cambial, uma combinação distinta, como se viu, da que ocorreu entre os países asiáticos nos anos 80. Com efeito, as economias latino-americanas transitaram de regimes inflacionários via programas de estabilização macroeconômica apoiados na sobrevalorização da taxa de câmbio real e na captação financiamento externo através de ativos de alta rentabilidade e liquidez. A valorização da taxa de câmbio simultaneamente a uma alta taxa real de juros é um traço comum destas economias - excetuando-se o Chile da segunda metade da década- e contrasta com as da região asiática

A montagem de uma economia regional voltada aos interesses estratégicos dos EUA foi afirmado plenamente no NAFTA. A reestruturação da economia mexicana a partir de sua adesão ao GATT em 1985, foi subordinada a esta estratégia, voltada, essencialmente, para a recuperação do *market share* da indústria automobilística dos EUA no mercado americano e para a expansão geral dos mercados e das exportações americanas. É este segundo objetivo, o de promoção das exportações - extensivo a todo o continente - e não o primeiro - até o momento restrito ao México - o de substituição de exportações e transnacionalização produtiva, que essencialmente distingue o “bloco regional” em torno dos EUA daquele construído em torno ao Japão.

A Formação de uma Economia Regional na Ásia

Desde 1990 os relatórios da UNCTAD e da United Nations Centre on Transnational Corporations vêm enfatizando a importância estratégica da formação de blocos comerciais

em torno dos países da Tríade (EUA, Japão e UE). O grande *boom* do FDI japonês pós 85 deu lugar, segundo o The Economist, à formação de um *Japan-led economic bloc*. No Relatório da UNCTAD de 1990 é utilizada a expressão "*investment-led trading bloc centred around Japan*"²⁸.

Conforme se argumentou, o Japão transformou-se de fato, no maior investidor internacional. A montagem de uma rede regional como parte de sua estratégia competitiva nos mercados globais e, em particular com os EUA, tem se afirmado desde os anos 80s²⁹. Por outro lado, a transformação do Japão em grande investidor na indústria asiática vem alterando o volume, a composição e a direção das importações e exportações japonesas³⁰. A lógica do investimento externo dos conglomerados japoneses na Ásia parece obedecer a seguinte estratégia:

- deslocamento de capitais (abertura de filiais e formação de *joint ventures*) para a conquista de mercados locais e regionais substituindo aí importações (efeito substitutivo);
- a expansão das exportações a partir destes mercados para os EUA e UE, contornando barreiras protecionistas e a perda de competitividade decorrente da apreciação cambial;
- ampliação das exportações japonesas para novos mercados, hospedeiros dos IDEs (efeito expansivo)
- ampliação do sistema de subcontratação garantindo fornecedores de baixo custo para outras subsidiárias localizadas no Japão.³¹

²⁸Segundo o World Investment Report (1991)

“Há evidências que as corporações transnacionais estão construindo uma rede regionalmente integrada de investimentos centralizados nos membros da Tríade (“regional core networks”) (WIR, 1991)

²⁹Segundo Akyus, op. cit. a estratégia do IDE japonês na Ásia mudou entre os anos 70 - concentrada em recursos naturais - sobretudo na Indonésia - e os 80s e 90s voltada para a indústria manufatureira. A natureza deste investimento também mudou. Inicialmente estes investimentos eram geralmente em pequena escala, operações de montagem fortemente baseada em importações de partes e matérias-primas do Japão. Mais recentemente cresceu em escala e em *supply linkages* com o resto da economia do país hospedeiro através de arranjos como a subcontratação. Akyus, op. cit. pg. 9

Para Arrighi, o crescimento da economia regional “...deveu-se, antes de mais nada, à expansão transfonteiriça do sistema multiestratificado da subcontratação, destinada a compensar as vantagens de custo perdidas com o estreitamento dos mercados de trabalho no Japão e a valorização do iene. Os setores de menor valor adicionado do aparelho produtivo japonês foram maciçamente transferidos. Esse transplante envolveu basicamente as indústrias de mão de obra intensiva, como a têxtil, a metalúrgica e a de equipamentos elétricos; foi efetuado tanto pelas grandes empresas quanto pelas pequenas; e foi preponderantemente dirigido para a Ásia e, dentro dela, para os Quatro tigres emergentes.”(Arrighi, pg. 359)

³⁰É consensual entre diversos comentadores que os valores contábeis dos investimentos japoneses na Ásia subestimam fortemente os seus interesses e conexões regionais. Isto porque até bem recentemente a forma privilegiada de investimento era sob a forma de “joint -ventures” com participação minoritária.

³¹“ ... o centro da rede regional estrategicamente montado pela empresas transnacionais japonesas parece seguir um padrão de forte vínculo *upstream* das filiais japonesas para as filiais asiáticas, que servem a função dual de, em primeiro lugar, vender bens finais aos mercados locais e regionais (investimentos substituidores de importação), e secundariamente, exportando para as filiais na Tríade apoiando suas operações com insumos de baixo custo. Finalmente, na indústria de equipamento eletro-eletrônico, os altos volumes de venda e grandes mercados exportadores tem permitido

Estes movimentos manifestam-se essencialmente através da articulação entre IDE e comércio intrafirma e visam aumentar a competitividade das empresas japonesas na conquista de mercados externos. A lógica é obter economias de escala e de especialização regional beneficiando-se de vantagens comparativas estáticas e dinâmicas (microeconômicas e macroeconômicas).

A partir de 1988, como antes se comentou, não apenas o Japão mas os 4 “tigres” se afirmaram como investidores regionais, especialmente nos países da ASEAN-4 e na China. A lógica destes investimentos, particularmente oriundos da Coreia e Formosa parecem seguir o padrão japonês. O Quadro 4 apresenta as informações relevantes sobre a distribuição do estoque de IDE nos países da ASEAN 4 por origem.

Quadro 4

Distribuição do Estoque de Investimento Externo na China e os ASEAN 4 em 1992 nos Países da ASEAN 4 em 1992

<i>Origem</i>	China	Indonésia	Malásia	Tailândia	ASEAN4
Cingapura	-	4,1	6,7	6,3	25,8
HongKong	62	7,4	3	6,6	25,8
Tailândia	8,2	7,7	22,8	9,2	25,8
Coreia	0,9	5,7	2,9	1,5	25,8
Japão	8,4	15,7	22,7	38,1	26,1
EUA	8,5	6,5	7	11,9	9,5
Outros	12	52,9	35	26,4	38,6
Total	100	100	100	100	100

Fonte: MITI (1994) Nomura Research Institute cit. in : Rowthorn, Robert (1996) "East Asian Evelopment: The Geese Paradigman Reconsidered *East Asian Development: Lessons for a New Global Environment* (Geneva United Nations) pag. 25

* 1993

** incluindo Macau

*** incluindo Cingapura

Quadro 5

Fluxos Bilaterais de Comércio

*US\$ * 10 exp 6*

<i>Parceiro</i>	ano	América do Norte	Europa Ocidental	Japão	Tigres	ASEAN 4	China
ASEAN 4	1980	9.000	6.733	16.245	8.007	1.499	385
	1985	9.426	5.856	14.130	9.195	2.065	596
	1990	17.474	14.890	21.143	18.691	3.595	1.781
	1994	34.567	24.552	27.649	39.865	7.445	4.344
China	1980	3.428	4.487	6.394	15.114	990	-
	1985	-	-	-	-	-	-
	1990	5.605	6.187	9.011	30.184	1.724	-
	1994	22.872	16.113	21.579	41.569	3.804	-
Japão	1980	34.085	21.456	-	19.117	9.112	5.078
	1985	70.631	25.324	-	22.561	7.316	12.479
	1990	97.618	63.211	-	56.498	22.175	6.129
	1994	124.616	65.628	-	93.181	40.521	18.693
Tigres	1980	19.706	13.596	7.221	6.355	6.291	624
	1985	40.730	13.555	10.731	8.536	7.006	2.274
	1990	65.404	38.471	27.011	27.838	19.764	6.895
	1994	49.339	30.813	21.551	32.048	34.308	16.250

Fonte: Comtrade em Akyus, 1996, op. cit.

É importante considerar as evidências disponíveis sobre este movimento. O Quadro 5 apresenta a evolução dos fluxos bilaterais de comércio entre os países asiáticos e entre estes e a América do Norte e Europa Ocidental. Em relação ao Japão torna-se visível, a partir de 1985, uma relativa contração dos fluxos bilaterais com a América do Norte e Europa Ocidental em relação a excepcional expansão destes fluxos com os “tigres” e os países da ASEAN-4. Em relação aos “tigres”, após forte expansão das relações comerciais com América do Norte e Europa Ocidental entre 1985 e 1990, estas contraem-se absolutamente entre 1990 e 1994; desde 1985 e especialmente nestes últimos anos, houve forte expansão do comércio entre eles, com a ASEAN-4 e com a China. Os países da ASEAN-4 tiveram um desempenho medíocre no comércio internacional entre 1980 e 1985. Entre 1985 e 1990, e

particularmente entre 1990 e 1994 tiveram uma expansão extraordinária especialmente com os “tigres” e com a América do Norte. Por fim, a China apresentou a mais rápida expansão do comércio internacional entre países asiáticos a partir de 1990. Na segunda metade dos anos 80, apenas o seu comércio com os “tigres” possuía elevadas taxas de crescimento.

Os dados apresentados acima parecem contar a seguinte história: a desaceleração do comércio internacional ocorrida a partir de 1985 entre o Japão e os países da OCDE, e a partir de 1990, entre estes e os 4 “tigres” se deu ao mesmo tempo em que aumentaram a taxas explosivas as relações comerciais entre o Japão e o 4 “tigres” e entre estes e os países da ASEAN-4 e a China. Estes últimos países, ao contrário dos “tigres” e do Japão tiveram, sobretudo a partir de 1990, excepcional crescimento em seu comércio com os países da OCDE. Este movimento corresponde àquele descrito sobre o deslocamento do IDE para a Ásia e, por outro lado, corrobora as hipóteses de desenvolvimento seqüencial entre países com desigual grau de desenvolvimento.³² O desenvolvimento da indústria eletrônica na ASEAN é um dos maiores exemplos deste movimento. Esta indústria, implantada nos 80 em diversos países da região, sofreu forte desenvolvimento na segunda metade da década com o deslocamento japonês. Progressivamente começou a configurar uma divisão vertical e horizontal do trabalho entre Cingapura (informática e telecomunicações), Malásia (semicondutores), Tailândia (equipamentos de informática), Filipinas (componentes). O comércio intra-indústria é um dos maiores da região.

Ao lado do papel estratégico da grande corporação transnacional japonesa na reorganização da economia regional, outros fatores merecem ser destacados. Um dos aspectos mais notáveis do desenvolvimento do sudeste asiático foi o desenvolvimento em Cingapura do mercado asiático de dólares - o Asian Currency Units (ACU) foi criado em 1968 com a abolição de impostos sobre os juros pagos a não residentes e diversas outras iniciativas de governo. Em 1971, o governo iniciou o *Asian Dollar Bond Market*.³³ Sua localização vantajosa e seu papel de intermediário financeiro e cambial num período

³²Ver próxima seção.

³³“Como Hong-Kong, mas em contraste com Coréia do Sul e Formosa, Cingapura direcionou-se nos anos 80 para os serviços internacionalmente comercializáveis como componente mais dinâmico da economia.” “Depois de 1978, os serviços financeiros e empresariais emergiram como máquina de crescimento, em 1992, representaram 26,1% do PIB, quase o mesmo valor do setor industrial.

“A forte e particular vantagem de sua localização foi vital para a transformação de Cingapura em exportador mundial de serviços, que em 1992 eram quase equivalente a Suíça (GATT, 1993)” Huff, W. G. (1995) “What is the Singapore Model of Economic Development? Cambridge Journal of Economics, pg. 766

marcado por drásticas mudanças macroeconômicas e nos preços relativos, dificilmente pode ser exagerado nas explicações sobre o “milagre” asiático³⁴.

A partir de Cingapura, foi se afirmando desde a segunda metade dos anos 80, um desenvolvimento regional triangular formada pelo estado de Johore na Malásia e por três ilhas do arquipélago indonésio de Riau.³⁵ Investimentos de Cingapura aliados aos seus serviços de alta qualidade, com recursos hidráulicos e produção manufatureira na Malásia e Indonésia formam uma rede de investimentos e comércio semelhante em natureza a desenvolvida por Hong-Kong na China. Nos dois casos, Cingapura e Hong-Kong afirmaram-se como centros financeiros exportadores de serviços e reexportadores de manufaturas (produzidas originariamente na Malásia, Indonésia e China) para os grandes mercados ocidentais e, mais recentemente, para a China. Com efeito, ao contrário das ondas de investimento ocorrida nos anos 80, a onda atual - tanto dos investimentos oriundos da “diáspora” chinesa, quanto os ocidentais- visa assegurar posições no imenso mercado interno chinês.³⁶

Ao lado da forte expansão do IDE e dos fluxos de comércio, uma característica importante do sudeste asiático nos anos 90 é o crescimento da dívida externa sobretudo para bancos privados. Malásia e Tailândia se destacam como fortes tomadores de créditos privados. No entanto, graças ao forte crescimento econômico e das exportações, as relações dívida/produto, dívida/exportações têm se reduzido, viabilizando financiar os déficit em transações correntes que ocorreram nos últimos anos. A existência de um amplo mercado financeiro regional, grandes excedentes financeiros japoneses e as redes de investimento e de comércio regional foram fatores inegavelmente importantes nos anos 80 e início dos 90 para a política de empréstimos dos bancos.³⁷

As análises aqui examinadas relativas à formação e dinâmica da economia regional asiática a partir das estratégias das grandes corporações japonesas sublinham os aspectos de

³⁴“Iniciada no final dos anos 60, a rápida expansão da intermediação financeira internacional baseava-se e ampliava as vantagens de localização de Cingapura. A ilha ligava regiões do Atlântico, Oriente Médio e Pacífico que nos anos 70 escolheram Cingapura para ser um “*funding centre*”, agindo como entreposto entre centros de depósitos numa região com excedentes financeiros como Bahrain, e centros como Hong Kong próximos a tomadores finais. Nos 90s Cingapura era o quarto maior mercado de divisas depois de Londres, N. York, e Tóquio”(idem pg. 751)

³⁵Antes da criação de Cingapura, o estado de Johore e o arquipélago de Riau, faziam parte do sultanato de Johore-Riau. ver Chaponnière, J. R. (1994) “L’Asean: réussite politique échec économique ?” *Economie Internationale*, nº 57

³⁶Ver Bouteiller, E. (1994) “Attirer un Oiseau sur une Branche” *Economie Internationale*, nº 57

³⁷Segundo o Relatório *Trade and Development* da UNCTAD, 1996 a agência de assistência ao desenvolvimento do Japão, ODA, vem agindo em estrita cooperação com as empresas japonesas, bancos e com os governos hospedeiros do sudoeste da Ásia, particularmente na provisão de infra-estrutura.

complementaridade e articulação entre setores e mercados. Há no entanto um aspecto crucial e nada óbvio que precisa ser explicado: qual a contribuição do comércio e do IDE japonês para o amplo dinamismo regional? Em que sentido esta reespecialização vem contribuindo para uma macroeconomia expansiva da região?

Considere os efeitos sobre um país em que há saída de investimentos diretos. Há, de um lado um efeito substitutivo decorrente da diminuição de exportações para o país que agora hospeda uma produção competitiva com a matriz. Há, de outro, um efeito expansivo decorrente das novas exportações induzidas pela abertura de filiais. Para o país hospedeiro o primeiro efeito - a substituição de importações- é expansivo e o segundo, o aumento das importações decorrentes da substituição de importações é contracionista a menos que promova os investimentos e as exportações. Num modelo de trocas fechado entre os dois países, o efeito final do IDE dependeria do predomínio de um ou do equilíbrio dos dois efeitos. As evidências disponíveis revelam que tanto nos EUA quanto na Ásia - ver Quadro 5 - o IDE japonês está associado a um forte crescimento das exportações japonesas. Isto é o efeito expansivo sobre a economia japonesa largamente compensa o efeito substitutivo. No país hospedeiro ocorre o contrário.³⁸ Assim, se a economia regional asiática estivesse centrada em torno do Japão, o comércio fosse predominantemente intra-industrial e estivesse fechada dentro de si, o deslocamento industrial japonês para os países de menor grau de desenvolvimento relativo acabaria por restringir o desenvolvimento asiático por problemas de balanço de pagamentos. Algo semelhante ao que se passou no México a partir da segunda metade dos anos 80.

Conforme será visto em seguida, as exportações para fora da região e o comércio regional excluído o Japão foram essenciais para viabilizar na Ásia, a dinâmica da produção internacionalizada. Mais exatamente, seu dinamismo decorre de pertencer simultaneamente à área de investimento do Japão (e dos quatro tigres) e à “base ampliada do Pacífico” dos EUA.

Os Gansos Voadores

³⁸Para dados relativos às filiais japonesas nos EUA, ver Kregel, I. op. cit.

As informações apresentadas nos Quadros 3,4 e 5 e a estratégia de deslocamento dos investimentos japoneses descritas nos relatórios do WIR, do Nomura Research Institute e nas análises históricas como as de Arrighi (1994) ou macroeconômica como as de Akyus (1996) apontam na direção de uma dinâmica de desenvolvimento regional liderada pelo Japão em que os diferentes países deslocam-se em formação como os gansos voadores³⁹. A formulação atual deste paradigma - como apresentada por Ozawa (1995)- supõe a existência de um desenvolvimento hierarquizado mas concatenado entre países com distintos graus de desenvolvimento através de efeitos positivos e realimentadores do comércio e do investimento direto⁴⁰.

Na formulação usual de Ozawa - nota 40 - há uma proposição que flagrantemente contrasta com os fatos. Com efeito a sinergia apontada entre o ganso líder e os gansos subsequentes dificilmente seria compatível com déficit comerciais vultuosos como os registrados nos últimos anos entre o Japão e as demais economias (Quadro 6) Como destaca Rowthorn (1996), o paradigma dos gansos voadores, como usualmente formulado, supõe que o ganso líder absorva as exportações intensivas em mão de obra dos países retardatários durante os estágios iniciais de seu desenvolvimento e, posteriormente das exportações de manufaturas com maior conteúdo tecnológico.

Quadro 6

Balança Comercial do Japão com os 4 Tigres, ASEAN 4 e China

³⁹Para uma análise crítica deste paradigma ver Rowthorn, R.(1996) “East Asian Development: The Flyng Geese Paradigm Reconsidered”UNCTAD, Study No 8. O paradigma dos gansos voadores foi desenvolvido inicialmente por Akamatsu em 1932 e aplicava-se ao Japão em seu processo de *catching-up*. Nesta formulação as exportações do país líder inicialmente exerciam um efeito negativo sobre a indústria no país retardatário, posteriormente, com a cópia da técnica e com a ajuda do governo, o país retardatário desenvolvia em melhores condições produtos competitivos. Rowthorn sublinha que as versões mais recentes do paradigma alteraram esta descrição de duas formas. Kojima (1973, 1985) enfatiza a função de transferência de tecnologia ligada ao IDE e o papel positivo e em colaboração dos governos. Esta também é a representação de Ozawa (1995) e do UN World Investment Report 1995 descrevendo a “reciclagem das vantagens comparativas” feitas pelas empresas transnacionais.

⁴⁰Na descrição de Ozawa: “Em essência, este padrão de crescimento econômico intra-regional capta um fenômeno em que um grupo de economias, interagindo com sinergia umas com as outras através do comércio e das atividades das empresas transnacionais, avança junto, liderada pela economia dominante como a maior supridora de tecnologia, insumos complementares, e mercados e seguida progressivamente pelas economias menos desenvolvidas num padrão hierárquico. As economias participantes do grupo possuem necessariamente estratégia de desenvolvimento voltada para fora, focalizada na exportação (se não totalmente não-intervencionista) alimentando-se do estímulo de crescimento transmitido pelas economias mais avançadas e, por seu turno pela geração de seu próprio estímulo - novamente criado para a próxima divisão de seguidores. Neste processo, as economias do grupo beneficiam-se mutuamente dos efeitos expansivos da competitividade das atividades das empresas transnacionais (IDE e inserção não financeira), particularmente, a função das empresas transnacionais como agentes de reciclagem das vantagens comparativas. Adicionalmente, a influência psicológica para o desenvolvimento se exerce do sucesso industrial dos vizinhos ou do efeito demonstração intra-Asiático do progresso econômico”. Em Rowthorn, op. cit. pg. 1

	Quatro tigres			ASEAN -4			China		
	1985	1990	1993	1985	1990	1993	1985	1990	1993
Total	11,9	29,6	53,1	-6,8	1	7,2	6,8	-2,9	1,4
Manufaturados	14,9	32,8	54,6	6,1	16,1	21,2	10,8	2	5,8
Máquinas elétricas	4,5	10,9	18,6	0,9	2,6	5	2,3	1,2	1,6
Veículos	1	2,5	5,5	1,1	3,8	4,6	1,8	0,1	1,8
Calçado e Vestuário	-1,2	-3,9	-3	0	-0,4	-0,9	-0,4	-1,4	7.5

Fonte: UNCTAD, em Rowthorn, B (1996)

Difícilmente os dados relativos ao comércio do Japão com os países da ASEAN-4 sustentariam uma posição de mercado para manufaturas de baixo valor agregado, do mesmo modo, no caso dos “tigres” o Japão não tem sido mercado importante para bens industriais de maior conteúdo tecnológico. Ainda que a expansão do comércio internacional intrafirma aponte numa direção compatível com o modelo dos gansos voadores liderado pelo IDEs japoneses, não é possível derivar o amplo desenvolvimento do sudeste da Ásia desta dinâmica. Baseado nestes fatos, Rowthorn (1996) questiona a função do Japão como líder dos gansos voadores asiáticos. Estes mesmos dados, prossegue o autor, apoiariam, no entanto, uma dinâmica de indução do desenvolvimento a partir dos 4 “tigres” para a ASEAN-4.⁴¹

Considerando a questão do protecionismo japonês numa perspectiva histórica, intérpretes do desenvolvimento asiático como Bagchi (1987) consideram, que a influência positiva do Japão sobre o desenvolvimento do capitalismo asiático foi exercida mais como modelo para a ação estatal do que como mercado ou fonte de financiamento para o desenvolvimento econômico. Nota, corretamente, que os mercados para a maioria dos países do leste asiático sempre estiveram nos EUA e na Europa Ocidental.⁴²

Arrighi (1994) adota a descrição de Ozawa sobre a dinâmica de desenvolvimento seqüencial na Ásia mas enfatiza não apenas a importância dos EUA como mercado para a produção manufatureira mas como o núcleo dinâmico da expansão asiática. O

⁴¹“As tendências mencionadas acima sobre IDE e comércio apresentam “mixed” apoio para o paradigma dos gansos voadores. A função do Japão como líder é aberta a questionamento, mas entre os países remanescentes a industrialização parece ser transmitida de uma onda de países em desenvolvimento para a próxima onda através dos mecanismos postulados neste paradigma.” (Idem, pg.7)

⁴²“A maior parcela do capital que financiou o desenvolvimento ou foi gerada internamente aos países ou foi fornecida pelos EUA e países europeus e não pelo Japão. Os mercados para a maioria das manufaturas dos países do leste asiático estiveram localizados nos EUA e na Europa...O Japão comprou principalmente matérias-primas dos países do leste asiático e geralmente possuiu um excedente comercial com a maioria destes países.” Bagchi, A. K. “East Asian Capitalism: An Introduction” em Political Economy, vol. 3 no 2, 1987 (pg. 125)

“desenvolvimento a convite” esteve presente na gênese do moderno desenvolvimento capitalismo japonês, coreano, e de Formosa tanto por razões geopolíticas - guerra fria - quanto econômicas - oferta de manufaturas baratas.⁴³ Para este autor a novidade dos anos 80 é que o convite se interrompeu inicialmente para o Japão e, posteriormente para os “tigres” no entanto, neste momento “os gansos já estavam voando”.⁴⁴

Esta perspectiva destaca dois aspectos essenciais e diferenciados dos “gansos” asiáticos. Anteriormente o Japão, depois Coréia, Cingapura, Hong-Kong e Formosa, hoje ASEAN-4 e China afirmaram-se como grandes exportadores de manufaturas baratas, ou *industrial staples* para os grandes mercados dos EUA e Europa Ocidental.⁴⁵ Esta inserção internacional dos países do sudeste asiático tem se revelado permanente, a despeito da mudança estrutural e seqüencial de cada país em direção a manufaturas de maior densidade tecnológica. Com efeito, entre 1980-1993, não deixa de ser surpreendente o fato de que a indústria de confecções só foi superada pela indústria de computadores como ramo mais

⁴³“O crescimento explosivo das exportações japonesas (nos anos 60) para o rico mercado norte-americano, bem como seu superávit comercial, foi um ingrediente crucial do grande salto do Japão nos processos de acumulação de capital em escala mundial. No entanto, não se deveu de maneira alguma, a uma agressiva postura neo-mercantilista japonesa. Deveu-se, antes, à crescente necessidade do governo norte-americano de baratear suprimentos essenciais para seus objetivos de poder tanto internamente quanto no exterior.” Arrighi, op. cit. pg355.

⁴⁴O convite começa mudar na metade para o final dos anos 70...

“O governo norte-americano parou de torcer o braço de seus parceiros europeus e clientes do leste asiático para que eles abrissem espaço à expansão capitalista do Japão. Em vez disso, começou a torcer o braço do governo japonês para que revalorizasse o iene e abrisse a economia japonesa ao capital e ao comércio estrangeiros.” Arrighi, 1994 pg. 355.....

“ O governo norte-americano voltou para fechar a porta da estrebaria, mas o cavalo já havia disparado. Ou melhor, os gansos já estavam voando. A crise de superacumulação impulsionou o capital japonês por uma via de expansão transnacional que logo iria revolucionar toda a região do leste asiático e, quem sabe, antecipar a eventual superação do regime de acumulação norte-americano.” Idem pg. 356 Para Riccardo Parboni (The Dollar and Its Rivals, Verso, 1990), o amplo apoio ao programa de modernização de Deng Xiaoping iniciado em 1979 foi resultado de sua importância política no contexto da guerra fria: “As “quatro modernizações de Deng Xiaoping requeriam investimentos de 600 bilhões de dólares distribuídos em 10 anos a partir de 1979; 350 bilhões deveriam ser importados. Exportações, remessas de chineses não residentes e turismo deveria cobrir três quartos deste valor os 90 bilhões remanescentes deveriam ser obtidos na forma de crédito. A corrida para financiar a China já começou: 1 bilhão da Itália, 4 bilhões da Alemanha, 1,2 bilhões da Inglaterra, 600 milhões da França, 8 bilhões do Japão, enquanto os EUA tentam modificar sua própria legislação que proíbe a concessão de crédito a países que expropriaram cidadãos americanos sem compensação.” pg. 197 A forte penetração das exportações chinesas de manufaturas baratas no mercado americano constitui, como aqui se argumenta, uma característica comum ao que se poderia denominar o “modo asiático de industrialização”. Neste a demanda externa em expansão se dá de forma articulada com o crescimento dos investimentos e do mercado interno organizado por Estados desenvolvimentistas. Para uma análise do caso chinês recente ver Nolan, P. (1996) “Large Firms and Industrial Reform in Former Planned Economies: The Case of China” Cambridge Journal of Economics, 20

⁴⁵Para alguns historiadores como Ikeda, op. cit., o desenvolvimento asiático em suas fases iniciais sempre baseou-se na exportação do que denomina de *asian type modern merchandise*, isto é de bens de consumo de semelhantes mas significativamente mais baratos que os ocidentais. A principal analogia com as *commodities* agrícolas ou industriais que caracterizam os setores exportadores típicos da América Latina e da África é que também o *staple* industrial possui alta concorrência em preço, baixa diversificação de produto, preço declinante no longo prazo determinado pelo produtor marginal. Os exemplos modernos destes *staples* são os semi-condutores, peças de vestuário como camisetas, fitas, disquetes, dispositivos de armazenamento de dados e componente físicos da indústria eletrônica. Na análise de Arrighi, o principal interesse dos EUA nas exportações asiáticas foi historicamente o acesso a um suprimento barato de

dinâmico nas importações da OCDE. Tanto numa indústria quanto na outra, a participação dos países asiáticos foi decisiva. O Quadro 7 apresenta a evolução dos 15 principais produtos de exportação para os EUA originários dos “tigres” e do ASEAN-4.

Quadro 7

Evolução dos 15 Principais Produtos Exportados para os EUA

a) Hong Kong, Coréia do Sul, Cingapura, Tailândia					
					<i>mil US\$</i>
	1991	1992	1993	1994	1995
Semicondutores e dispositivos	3.821.950	4.458.406	5.754.789	8.481.647	13.798.158
Computadores Eletrônicos	4.836.412	5.402.356	7.072.443	8.851.479	11.327.069
Dispositivos de armazenagem de computadores	2.591.203	3.349.353	3.766.294	456.832	6.369.809
Equipamento periféricos de computadores	2.109.844	2.724.853	3.621.567	3.602.309	4.570.432
Auto-forno e usina siderúrgica	664.869	634.907	444.867	674.859	675.527
Equipamento domésticos de Audio e Video	2.843.659	2.940.787	2.700.861	2.675.196	2.345.172
Automotores e carroçaria	1.090.907	744.296	740.504	1.475.243	1.660.144
Componentes Eletrônicos	992.802	1.120.833	1.082.454	1.209.706	1.314.969
Aparato para telefone e telégrafo	800.666	789.229	618.242	653.410	592.901
Produtos químicos orgânicos industriais	493.527	587.858	555.041	567.312	552.479
Bens de atletismo e esportivos	1.020.159	1.089.778	905.727	1.001.864	946.717
Rádio e TV equipamento de comunicação	461.488	488.322	645.209	777.481	940.863
Produtos de plástico	805.666	811.509	765.441	767.306	763.819
Mobília e artefatos	941.427	954.041	992.405	930.193	831.383
Partes e acessórios de veículos	422.030	482.813	519.495	612.853	634.476
Parafusos, porcas, rebites e arruelas	437.631	503.272	580.688	685.474	800.173
outros	21.701.229	21.544.913	20.631.752	20.604.861	23.031.255
Total	22.138.860	48.627.526	51.397.779	54.028.025	71.155.346

manufaturas intensivas em mão-de-obra. Aqui considera-se a importância de uma oferta barata de manufaturas para a manutenção de uma baixa inflação em dólar. Sobre este aspecto ver cap. deste livro.

Continuação					
b) Brunei Darussalam, Indonésia, (incluindo o Timor do leste), Malásia, Filipinas, Cingapura, Formosa, e Vietnam					
					(mil US\$)
	1991	1992	1993	1994	1995
Semicondutores e dispositivos	3.784.470	4.357.866	5.800.293	7.651.169	10.834.187
Dispositivos de armazenagem de computadores	3.066.121	4.384.689	4.854.338	6.106.885	852.363
Computadores Eletrônicos	1.901.039	224.909	3.584.215	4.976.295	5.567.948
Equipamento domésticos de Audio e Video	2.416.406	3.310.491	3.792.667	5.132.544	5.308.944
Equipamento periféricos de computadores	373.376	599.664	1.005.284	1.411.186	2.314.360
Produtos florestais	631.124	735.380	816.009	934.942	1.568.157
Aparato para telefone e telégrafo	940.872	1.088.699	1.107.426	133.283	1.498.824
Produtos e equipamentos fotográficos	128.199	210.516	332.191	470.175	472.507
Marisco	654.046	735.367	889.033	1.169.627	1.129.112
Gás natural e petróleo natural	422.080	538.226	490.361	577.152	458.478
Mobília e artefatos	347.892	430.028	629.826	7.894.772	844.317
Componentes eletrônicos	455.596	520.010	521.313	683.353	843.747
Produtos fabricados da borracha	269.681	410.288	507.064	550.744	698.732
Calçado (exceto atléticos)	400.562	539.246	645.705	619.669	983.763
Produtos químicos orgânicos industriais	423.818	520.002	503.303	575.681	566.936
Equipamento de motor elétrico	195.018	262.910	367.859	507.592	480.760
Outros	7.622.895	891.887	9.765.178	11.335.629	13.769.941
Total	24.033.195	19.760.178	35.612.065	50.730.698	48.193.076

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

É importante considerar a importância do mercado americano não apenas para a absorção das exportações tradicionais como para as de maior densidade tecnológica. Até 1985 as relações comerciais típicas dos 4 “tigres” e dos países do ASEAN-4 com o Japão traduziam uma clara divisão vertical de trabalho. O Japão era o principal supridor de máquinas e equipamentos, os demais países exportavam produtos agrícolas, matérias-primas, produtos têxteis, alimentos industrializados. A diversificação das exportações dos quatro “tigres” é visível apenas nas importações dos EUA e da OCDE. A grande expansão do comércio regional asiático a partir de 1985 viabilizou a expansão das exportações de máquinas e equipamentos da Coreia e Formosa para os países da ASEAN 4. Estes, por outro lado, aumentaram as exportações de manufaturas tradicionais para os grandes mercados do

ocidente ao lado das exportações integradas com as redes de compras das empresas transnacionais. É esta articulação entre bens de capital japoneses e mercados consumidores americanos que vem conferindo dinamismo extraordinário à região. O caso chinês parece enquadrar-se nestas mesmas características: produtos têxteis e papel para o Japão e os EUA e, numa proporção muito menor mas em grande expansão pós 1984, material elétrico e eletrônico para os EUA e os países europeus. O déficit comercial com o Japão é uma característica geral do comércio regional dos 4 tigres e dos países da ASEAN- 4. O superávit historicamente obtido com os EUA⁴⁶ e com os países da OCDE tem permitido, até o momento, evitar restrição de divisas entre os países com menor grau de desenvolvimento, viabilizando um intenso comércio regional. A reorganização microeconômica dos espaços de localização da produção não encontra assim, entre os países da região, restrição de balanço de pagamentos.

A mudança mais recente na inserção regional decorre de três processos. A reestruturação industrial do Japão liderada por suas corporações transnacionais, a intensa expansão do comércio regional articulada com os IDE e a obsolescência acelerada na indústria eletrônica e a incorporação de novos bens industriais como insumos consumidos em larga escala pela indústria eletrônica mundial. Estas mudanças têm acelerado a substituição de exportações entre países asiáticos e a um maior crescimento - ainda que dentro de uma nítida divisão vertical de trabalho - das importações japonesas de produtos asiáticos.

Na apresentação usual da dinâmica dos gansos voadores, quer a de Arrighi (1994), Akyus (1996) ou a Ozawa ou a do WIR de 1991, a do UNCTAD de 1996, o deslocamento de setores produtivos japoneses e a montagem das redes internacionais de fornecedores é atribuído à elevação dos custos do trabalho decorrentes da valorização cambial. Esta “reciclagem das vantagens comparativas” é descrita para vários setores. Assim, por exemplo na indústria automobilística, estudos como os do WIR, seguindo os investimentos e encadeamentos de compra da Toyota, consideram que nas economias em que os custos do trabalho cresceram como Hong-Kong, Singapura, Formosa, o IDE vem se deslocando para finanças e serviços, localizando as manufaturas mais intensivas em trabalho na Tailândia,

⁴⁶Ao longo dos anos 90, apenas a Coréia apresentou déficit comercial com os EUA (em 1994), os demais países foram superavitários. Em 1994 o somatório do saldo comercial da Malásia, Tailândia, Hong-Kong, Coréia, China, Cingapura, Filipinas, excedeu a cem bilhões de dólares. Dados do International Trade Statistics Yearbook, ONU, 1994

Indonésia, etc.⁴⁷ Numa pesquisa citada no último relatório da UNCTAD, a disponibilidade de mão-de-obra barata é considerada a motivação mais importante para o investimento direto coreano.

O principal problema deste tipo de análise é a simplificação excessiva de processos bastantes distintos. Como se observou, a partir de 1985, a variação básica dos custos produtivos nas economias do sudeste asiático esteve determinada pela taxa de câmbio e, para as mercadorias de grande penetração no mercado americano, pela mudança no regime de preferência adotada por este país. Em relação aos custos de produção deve-se considerar que em setores onde predomina a padronização - como classicamente na têxtil e modernamente nos componentes rígidos da indústria de computadores e equipamentos eletrônicos- a concorrência em custos tem sido crescente. O ingresso no mercado internacional de novos produtores com custos de produção e preços mais baixos nos **mercados consumidores** exerce um efeito declinante sobre os preços internacionais destes bens. Nestes casos não apenas os custos salariais baixos importam, são decisivas as economias de escala na produção e na comercialização (transportes e canais de distribuição) e, como evidente no caso chinês, os incentivos gerais para a localização⁴⁸.

⁴⁷" Para D. Felix (1994), numa formulação que transcende os anos 80 procurando situar-se num marco mais geral da industrialização asiática,

".. a elevação dos salários no Japão, o ganso líder, comprime lucros em suas indústrias intensivas em trabalho pouco qualificado. Estas se movem para o próximo ganso, Coréia e Formosa, inicialmente estabelecendo investimentos estrangeiros diretos e posteriormente fluxos de comércio intra-industrial. O processo se repete com o Japão se expandindo para uma nova atividade tecnologicamente mais sofisticada deixando as anteriores com Coréia e Taiwan onde o desenvolvimento industrial e as pressões salariais induzem investimento direto estrangeiro e realocações nos países da ASEAN.." Felix, D.(1994), "Industrial Development in East Asia: What Are the Lessons for Latin America" UNCTAD Review, pg. 12

⁴⁸É necessário notar que custos salariais baixos não significam rendas salariais baixas, a taxa de câmbio "interna" é importante para esta diferenciação. Dinamicamente, a introdução de setores/técnicas voltados a mercados amplos nos países retardatários levam a um descolamento da produtividade dos novos setores exportadores *vis a vis* ao conjunto da economia. Isto é, o elevado nível da produtividade em relação ao conjunto da economia torna os custos salariais nos setores exportadores muito baixos. Ou, se quiser, a taxa de câmbio interna entre os bens comercializáveis e os voltados ao mercado interno é favorável às exportações. A importância destes custos como atrator de investimentos requer, contudo, outras considerações. O caso da China ilustra bastante bem o ponto em questão. A China tem se afirmado nos últimos anos como o maior receptor entre os países em desenvolvimento de IDE. Ocorre que 70% deste investimento provém de Hong-Kong e Formosa motivados por razões estratégicas econômicas e políticas. Parcela ponderável destes investimentos foram para Shenzhen, uma das mais dinâmicas Zonas Econômicas Especiais. Convém acompanhar o regime de incentivos ali estabelecido:

"Um pacote de incentivos preferenciais foi também oferecido aos investidores estrangeiros. Ele se beneficiam do mais baixo imposto de renda do mundo, de 15%. Empresas voltadas para a exportação utilizando tecnologias avançadas podem reivindicar maior redução ou maior período de isenção. Para estimular a performance exportadora e a obtenção de divisas as empresas foram isentas de imposto sobre valor agregado e tarifas sobre importação de bens de capital e matérias-primas. Ao contrário do restante da China companhias estrangeiras foram autorizadas a se instalar e uma nova legislação do trabalho foi estabelecida nas ZEE. Para superar parcialmente a inconvertibilidade da moeda chinesa, foi estabelecido em 1986 em Shenzhen o primeiro mercado de divisas no país...Existe ainda tratamento preferencial nas taxas sobre o uso da terra e repatriação de lucros." Weiping Wu (1996) "The Creation and Evolution of China's special economic zone policy" Nova Economia, vol. 6 nov. 1996, pg. 57

Por outro lado, a introdução acelerada de inovações na indústria eletrônica tem gerado uma obsolescência muito rápida para uma coleção ampla de bens. Neste caso, não é o ingresso de novos produtores com menores custos mas é a introdução de novos bens que força uma desvalorização acentuada dos produtos antigos. Este mecanismo conduz numa ponta, a uma estratégia de especialização por parte da grande corporação de forma a manter e a expandir pelo progresso técnico a sua participação no mercado internacional, e na outra, a um deslocamento de produtos e linhas de produção tanto por razões de custos quanto por razões de mercado.

As análises centradas no diferencial de custos de produção têm em vista modelos de crescimento baseado nas exportações. Há aqui dois aspectos que merecem consideração. Em primeiro lugar as exportações como máquina de crescimento possuem diferente capacidade de indução segundo o tamanho relativo do país. Com efeito, dinâmicas do que se poderia denominar *industrial super traders and financial supermarket*⁴⁹ como a das cidades de Hong-Kong e Cingapura não são da mesma natureza das observadas em países grandes. Nestes últimos, a articulação dos investimentos com as exportações têm caracterizado uma via comum de industrialização: ontem no Japão e Coréia, hoje na China e nos demais países da ASEAN. Em segundo lugar, e, em consequência do primeiro aspecto, a expansão acentuada do comércio intra-indústria e intrafirma vem redefinindo algumas questões centrais para as industrializações periféricas. A localização de linhas de montagem e de linhas de produção com alto conteúdo de importações em países de maior atraso relativo, vêm deslocando rapidamente suas pautas de exportações. Assim, examinando exclusivamente o comércio de bens, a diversificação da pauta de exportações destes países pode induzir a análises apressadas. Considere-se, por exemplo, um circuito impresso montado na Malásia e testado e reexportado por Cingapura. Um mesmo bem aparece em momentos distintos na pauta de exportação da Malásia e de Singapura. A diferença é a agregação de valor na indústria do primeiro país e nos serviços do segundo. O fato de se produzir circuito impresso no primeiro país não muda sua posição subordinada na divisão internacional de trabalho. É o investimento induzido por estas exportações ao lado do investimento autônomo visando um ulterior deslocamento das exportações que permite, de fato, elevar o grau de industrialização.

⁴⁹Em 1990, as exportações como percentagem do PIB foram de 174% em Cingapura e 144% em Hong- Kong . A Malásia numa proporção menor mas muito elevada registrou um percentual de 78%

Dada estas observações, o modelo dos gansos voadores poderia ser rerepresentado de uma forma mais geral. A hipótese básica é a de que as manufaturas com menor densidade tecnológica vêm sendo reproduzidas sequencialmente em países com menor grau de industrialização aproveitando espaços anteriormente ocupados pelo países mais desenvolvidos. A dinâmica deste movimento pode ser atribuída a:

- no ganso líder: - substituição de exportações decorrente da penetração em novos setores com maiores taxas de crescimento nos mercados mundiais e com maiores efeitos expansivos sobre a economia e as pressões do balanço de pagamentos;
- aumento do protecionismo nos mercados consumidores (EUA);
- no ganso retardatário: aproveitamento dos espaços abertos pelo ganso líder em grandes mercados consumidores e introdução de técnicas anteriormente desenvolvidas por aquele.

Uma vez exauridos os efeitos decorrentes da introdução num país de setores/tecnologias, ou se quiser, uma vez adquirida maior maturidade industrial - menores efeitos expansivos internos, maiores pressões sobre balanço de pagamentos- o deslocamento tecnológico do ganso líder estimula a introdução de novos setores/técnicas - tanto mais rápida quanto for efetiva a política industrial de *catching-up* - abrindo espaço para o ganso subsequente internalizar as atividades de menor densidade tecnológica e repetir a mesma dinâmica.

A macroeconomia expansiva observada na região apresentou até o presente momento superávit comercial com os países da OCDE, e em especial com os EUA viabilizando no sudeste e sudoeste asiático uma estratégia de especialização e deslocamento sequencial de indústrias. O déficit comercial intra-indústria dos países mais atrasados com o Japão é parcialmente compensado por superávites no comércio intra-indústria e inter-indústria com a OCDE. A disponibilidade de financiamento externo dos bancos e agências oficiais e o crescimento do IDE associado às exportações manufatureiras têm até o presente financiado o déficit em transações correntes sem abortar o crescimento econômico.

A Inserção Externa da América Latina⁵⁰

⁵⁰Considera-se aqui a América Latina enquanto unidade analítica visando uma concepção estrutural de certos traços comuns decorrentes de fatores geopolíticos e de inserção internacional. Se ao nível de diagnósticos estruturais é possível tratar do conjunto, para fins de estratégia e política econômica a ênfase deve ser a das especificidades nacionais. Ver, nesta direção Tavares, M. C. (1975 “El Desarrollo Industrial Latino-americano y la Presente Crisis del Transnacionalismo” El Trimestre Económico, vol XLII, out. Dez, n 168

Na América Latina, o ajuste defensivo à crise externa dos 80 resultou num amplo esforço de contenção das importações e de promoção de exportações. Estas tiveram de conviver na primeira metade da década com a recessão dos mercados da OCDE e, em todo o período, com o protecionismo crescente dos EUA e deterioração dos termos de troca. Ao lado do crescimento da exportação de bens primários tradicionais houve entre os países maiores da região como na Argentina mas também no Brasil - aqui a exceção é o México- deslocamento da indústria na direção das *commodities* (petroquímica, alumínio, celulose, papel, ferro, aço e metais não ferrosos)⁵¹. Nos anos 90, a retomada do acesso ao fluxo de capitais num contexto macroeconômico marcado por ampla liberalização financeira e redução das taxas externas de juros, reduziu a restrição externa preexistente, viabilizando maiores taxas de crescimento do produto e, principalmente, das importações. Estas foram amplamente favorecidas pelas baixas tarifas e pelo câmbio⁵².

A crise mexicana de 1994 - econômica e politicamente solucionada pela intervenção ativa do FED - sinalizou algumas características da fragilidade externa da maior parte das economias do continente e que as distinguem das economias asiáticas. Em primeiro lugar, ainda que os serviços da dívida externa sobre as exportações tenham sido reduzidos pela metade em relação à década passada, encontram-se nos anos 90 num patamar incomparavelmente mais elevado do que nos países asiáticos (com exceção da

⁵¹ Neste aspecto o êxito brasileiro foi notável. Estas indústrias, fruto do investimento acelerado dos anos 70, sustentaram saldos comerciais elevados e sem precedentes na América Latina. Nos anos 80 a especialização produtiva ocorrida no Brasil não foi acompanhada pelo encolhimento em outros ramos industriais como os de bens de capital e duráveis de consumo. Esta foi a principal diferença e distingue o caso brasileiro do argentino que passou, antes mesmo da crise dos 80s, por processo de reversão da substituição de importações e encolhimento das cadeias produtivas.

⁵² “Para a região como um todo, a entrada de capital teve efeitos positivos de tipo keynesiano, ao reduzir a restrição cambial, permitindo que a capacidade produtiva existente fosse usada mais plenamente e que como resultado, a produção, a renda e o emprego melhorassem. O relaxamento da restrição externa, a partir dos anos 90, contribuiu para a recuperação do crescimento econômico, cuja taxa anual subiu de 1,6% para 3,4% em 1990/93” Devlin, R.; French-Davis, R.; Griffith-Jone, S. (1994) “Crescimento dos Fluxos de Capital e Desenvolvimento: Uma Visão Geral das Questões de Política Econômica” PPE, v. 24, n 3, dez. Os efeitos expansivos foram bastante desiguais. Foram intensos na Argentina logo nos primeiros anos do plano de conversibilidade, e bastante moderados no México. No caso argentino, a recuperação do crédito e expansão da liquidez internacional não foi acompanhada por qualquer intervenção esterilizadora pelo Banco Central, ocasionando forte expansão da liquidez interna. No entanto, em todos os casos, a mudança abrupta nos coeficientes de importação diluiu e conteve os efeitos expansionistas iniciais.

Quadro 8

Ásia e América Latina: Transferências Financeiras, Exportação, Importação e Investimento nos anos 90

	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Coréia						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,01)	(0,01)	(0,01)	(0,02)	(0,02)	-
Importações/PIB	(0,30)	(0,31)	(0,30)	(0,29)	(0,31)	(0,34)
Importações bens e serviços***	(54.417)	(66.050)	(71.840)	(76.971)	(94.360)	(120.214)
FBK fixo/ PIB	0,37	0,38	0,37	0,36	0,36	0,37
Cingapura						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	0,02	0,01	0,02	0,02	0,01	-
Importações/PIB	-	-	-	-	-	-
FBK fixo/ PIB	0,32	0,33	0,36	0,36	0,34	-
Tailândia						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,04)	(0,04)	(0,04)	(0,03)	(0,03)	-
Importações/PIB	(0,42)	(0,42)	(0,41)	(0,41)	(0,44)	-
FBK fixo/ PIB	0,40	0,41	0,39	0,39	0,39	-
Malásia						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,06)	(0,07)	(0,08)	(0,07)	(0,06)	-
Renda líquida de serviços crédito*	1.849,00	1.425,00	1.609,00	2.006,00	2.343,00	-
Importações/PIB	(0,74)	(0,85)	(0,76)	(0,81)	(0,91)	-
FBK fixo/ PIB	0,32	0,36	0,34	0,35	0,38	-
Indonésia						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,19)	(0,19)	(0,17)	(0,16)	(0,16)	-
Importações/PIB	(0,26)	(0,27)	(0,27)	(0,24)	(0,24)	(0,29)
FBK fixo/ PIB	0,36	0,35	0,36	0,33	0,34	0,42

*Fonte: International Financial Statistics; INTERNATIONAL MONETARY FUND Junho 1996

** médias do período em número índice (1990=100)

Quadro 8 (Continuação)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Brasil						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,37)	(0,31)	(0,22)	(0,26)	(0,21)	(0,24)
Importações/PIB	(0,06)	(0,07)	(0,07)	(0,08)	(0,07)	-
FBK fixo/ PIB	0,23	0,19	0,20	0,20	0,21	-
Argentina						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,36)	(0,36)	(0,30)	(0,23)	-	-
Importações/PIB	(0,05)	(0,06)	(0,08)	(0,08)	(0,09)	-
FBK fixo/ PIB	0,14	0,15	0,17	0,18	0,20	-
Chile						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,22)	(0,19)	(0,20)	(0,23)	(0,20)	-
Importações/PIB	(0,31)	(0,29)	(0,28)	(0,29)	(0,27)	(0,27)
FBK fixo/ PIB	0,23	0,21	0,23	0,26	0,24	0,23
México						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,20)	(0,19)	(0,20)	(0,21)	(0,19)	-
Importações/PIB	(0,17)	(0,17)	(0,18)	(0,16)	(0,18)	-
FBK fixo/ PIB	0,18	0,19	0,20	0,20	0,20	-
China						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	0,02	0,02	0,00	(0,02)	(0,01)	-
Importações/PIB						

Fonte: International Financial Statistics; INTERNATIONAL MONETARY FUND Junho 1996

Indonésia). O quadro 8 apresenta as principais diferenças. Em segundo lugar, como já se observou, o financiamento externo que predomina na região nos anos 90 é essencialmente formado por fluxos financeiros voláteis sem vínculos diretos com as exportações. Em terceiro lugar, por razões estruturais e pelas políticas cambiais adotadas, a taxa de crescimento das importações excede substancialmente a taxa de crescimento das exportações. Assim, em meio a abundância de capitais externos, as maiores economias do continente como Argentina, Brasil e México encontram, mais uma vez, forte fragilidade externa.⁵³

⁵³Em diversos textos Aníbal Pinto referia-se à inflação como um *invitado de piedra* das industrializações latino-americanas. Creio que não trairia nada a esta idéia se considerasse a fragilidade e restrição externa no mesmo plano. Convém esclarecer mais precisamente o sentido aqui adotado nas novas condições criadas pela liberalização financeira. Tendo em vista os compromissos de servir a dívida, os coeficientes de importação e a taxa de crescimento das exportações, a taxa de crescimento do produto torna-se dependente da capacidade de se financiar internacionalmente. A taxa de juros (os spreads) incidentes sobre o passivo externo e a maturidade dos títulos de dívida sinalizam o grau de endividamento (o déficit em conta corrente sobre o PIB, ou sobre as exportações por exemplo) considerado tolerável. O

De um modo geral, ainda que em dimensões distintas, a abertura comercial e financeira favoreceu intensamente o setor de serviços nestas economias. Parte significativa do IDE que se expandiu fortemente nos anos 90 para países como México, Argentina, Brasil e Chile, foi canalizado para o setor financeiro e para aquisições patrimoniais em serviços de utilidade pública privatizados. As importações, por outro lado, permitiram aumentar as margens de lucro do comércio e serviços em relação à atividade industrial. Os investimentos nestas atividades ainda que possuam impactos não desprezíveis sobre o crescimento econômico e o emprego, não geram qualquer impacto direto - a menos da indústria do turismo- sobre as receitas cambiais. O crescimento dos investimentos nestas atividades em contraste com a baixa formação de capital na indústria, explica em parte o deslocamento entre as séries de investimento (excetuando a construção civil) e as de importação, novamente em forte contraste com a Ásia.⁵⁴ A expansão e a internacionalização dos serviços, o retrocesso da substituição de importações na indústria e a especialização do setor exportador em commodities vão definindo uma modalidade de inserção internacional do trabalho bastante diferenciada da que se observou sobre a Ásia.

Como antes se argumentou, a expansão do mercado para as exportações americanas constitui um vetor básico da mudança das políticas comerciais e financeiras no continente. Ao contrário do Japão que transfere setores produtivos e se especializa nos setores e segmentos produtivos com maior taxa de crescimento no mercado mundial, os EUA protegeram e promoveram também os setores “perdedores” a começar da agricultura. Isto é, nas exportações tradicionais, os EUA competem com os países da região. Numa imagem bem humorada, Palma (1996) descreveu este movimento como o formado por um ganho

que está em risco - evidenciado na crise mexicana de 1994 - é a capacidade do governo através de suas reservas, fazer frente a uma mudança especulativa de ativos denominados em moeda local para ativos em dólar. No caso latino-americano, o grau de endividamento considerado tolerável é menor do que na Ásia tanto pelo lado dos fluxos (exportações e fluxos financeiros com maior maturidade) quanto pelo lado dos estoques (dívida). Assim, dependendo do maior ou menor grau de controle sobre os fluxos financeiros, a política monetária é constrangida a desacelerar e manter o crescimento a taxas reduzidas. O elemento decisivo é a taxa de câmbio nominal. Face a expectativas de mudanças abruptas, decorrente de um grau de endividamento considerado excessivo, o único instrumento de manutenção da estabilidade da taxa de câmbio nominal é a ampliação do diferencial entre as taxas de juros interna e externa. O cenário típico de economias externamente frágeis não é o de estagnação - uma possibilidade- mas o de baixas taxas de crescimento. Para uma análise do caso mexicano nesta perspectiva ver Lópes, J. G. “Mexico’s Crisis: Financial Modernization and External Financial Fragility” Cuadernos de Trabajo, 37, 1996, mimeo, UNAM

⁵⁴A menor relação capital/produto no setor terciário e a forte penetração de importações explicam este comportamento.

líder voando para trás⁵⁵, engendrando, na expressão de A. Pinto (1972) uma “*substución al revés*.”⁵⁶

Deve-se considerar, no entanto, que com exceção do México que transformou-se nos 90s num grande mercado para a indústria americana, o restante do continente ainda constitui um mercado marginal embora não desprezível. Mais significativa é a concorrência dos exportadores latino-americanos com os produtos americanos nos grandes mercados dos países desenvolvidos. O crescimento do Mercosul e a rivalidade comercial entre os EUA e a UE sobre mercados nacionais na América do Sul, vêm dando origem a uma postura mais agressiva da política comercial americana na direção de uma unificação alfandegária envolvendo todo o continente.

Convém considerar com atenção o que se passou no México, o “*show case*” dos primeiros anos 90, e, de fato o único país cuja integração produtiva alterou-se profundamente a partir da segunda metade dos anos 80. Com efeito, ao contrário do restante do continente, incluindo aqui o Brasil, o México, através do investimento privado, deslocou o núcleo dinâmico do setor exportador para a metal-mecânica e a eletrônica. No seu conjunto, o setor manufatureiro exportou em 1995 cerca de US\$ 66 bilhões, cifra impressionante considerando que em 1989 as exportações manufatureiras foram de US\$25bi. Do mesmo modo, desde o final de 80 e até 1994, o México detinha a liderança regional na captação de IDE. e nos investimentos privados na indústria. O boom exportador mexicano, a sua afirmação como “plataforma de exportações manufatureiras”, deve-se essencialmente às grandes montadoras de veículos americanos em seu esforço de ampliação do *market share* no mercado dos EUA e à indústria maquiladora, especialmente concentrada na produção de máquinas elétricas, equipamentos eletrônicos, produtos têxteis e de couro (ver Quadro 9). Metade das empresas maquiladoras são americanas e se beneficiam de tratamento tarifário especial pela montagem de produtos com componentes produzidos nos EUA⁵⁷. A

⁵⁵Ver Palma, G. (1996) “Is There Any Difference Between Exporting Micro-Chips and Exporting Potato Chips? mimeo. O autor exclui o México do conjunto latino-americano devido ao forte crescimento das exportações mexicanas em setores dinâmicos da indústria (material de transporte, eletrônica) Na nossa descrição dos gansos a mudança na estrutura das exportações ocorre num contexto macroeconômico expansivo em que o ganso líder desloca setores para o retardatário. Se o ganso líder compete e promove seus setores como faz os EUA no México, dificilmente poderia surgir uma macroeconomia expansiva. Do mesmo modo esta não poderia decorrer se, digamos, o Japão promovesse sua indústria têxtil e ganhasse mercado da Coreia ou da Malásia.

⁵⁶Pinto, A. (1972) “Notas sobre Desarrollo, Subdesarrollo y Dependencias”El Trimestre Económico vol XXXIX (2) Abril/Junho

⁵⁷É o que se estabelece nas provisões 9802.00.60 e 9802.00.80 do Cronograma de Harmonização Tarifária dos EUA. Para uma análise das mudanças industriais recentes no México ver Calderón, A. et al (1995) “Mexico’s Incorporation

contrapartida do *drive* exportador mexicano foi uma superior penetração de importações. A contribuição das empresas transnacionais ao déficit comercial do setor privado atingiu a cerca de 30% nos anos 90.

Quadro 9

Exportações Mexicanas: Evolução dos 15 principais produtos exportados para os EUA

mil US\$

	1991	1992	1993	1994	1995
Veículos automotores e carro	2.842.178	3.108.894	3.726.715	4.786.824	7.829.587
Gás natural e petróleo natural	4.345.360	4.362.020	4.244.566	4.667.014	5.418.513
Equipamento de audio e vídeo doméstico	1.991.038	2.471.086	2.696.483	3.605.689	4.034.527
Partes e acessórios de veículos automotores	1.612.138	2.144.776	2.438.544	2.997.764	3.474.986
Equipamento de engenharia elétrica	1.346.265	1.646.344	1.905.769	2.553.097	2.769.979
Computadores eletrônicos	423.953	554.365	644.713	1.084.093	1.258.349
Vegetais e melão	794.290	639.309	862.069	938.967	1.150.398
Imóveis e artefatos	602.383	714.198	804.623	1.020.239	1.077.502
Rádio e TV	232.520	227.624	266.128	671.396	1.010.278
Aço e produtos siderúrgicos	241.474	223.745	343.066	588.617	852.858
Motor e geradores	360.685	483.277	557.971	725.361	844.127
Semicondutores e dispositivos	285.094	302.284	402.284	508.104	757.788
Frutas e noqueira	450.484	440.164	432.436	486.184	755.114
Dispositivos de Instalação elétrica não corrente	198.928	213.211	286.391	418.224	491.970
Componentes eletrônicos	323.000	367.402	464.635	570.059	729.958
Outros	10.141.506	11.426.048	12.825.437	15.489.036	20.299.505
Total	26.191.296	29.324.747	32.901.830	41.110.668	52.755.439

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

Desde 1985 e até 1994 o peso mexicano esteve valorizado. Esta taxa de câmbio favoreceu especialmente as empresas maquiladoras que viram sua participação nas exportações totais mexicanas passar de 16% em 1980, para 41% em 1994. Como o seu componente importado é muito elevado, o valor agregado tem sido declinante em relação ao acréscimo do valor da produção. A estimativa do Instituto Nacional de Estatística mexicano (INEGI) é de que em 1993, 84,4% do valor agregado na indústria mexicana estava nos estados fronteiriços, e 15,6 % nos estados não fronteiriços. Nos estados fronteiriços, para cada 100 de valor da produção, 22,2 são de valor adicionado no México contra 43.0 nos

estados não fronteiriços.⁵⁸ Considerando os também elevados coeficientes de importação da indústria integrada, em particular a automobilística, não é difícil de entender o verdadeiro “buraco negro” consumidor de importações em que se transformou a indústria mexicana.⁵⁹ Mas o crescimento das importações mexicanas não se limitou aos setores integrados à produção transnacionalizada. Atingiu a todos os setores industriais, aos serviços e ao setor agrícola. Há aqui dois processos. De um lado a expansão do comércio intrafirma quebrando as cadeias nacionais de valor adicionado e capturando vantagens absolutas. No México, como em todo lugar, o efeito líquido do comércio decorrente de IDE é tendencialmente deficitário para o país hospedeiro. De outro, a notória baixa complementaridade da economia americana. Como se pode ver no Quadro 10 a pauta de exportações dos EUA para o México inclui de automóveis e componentes eletrônicos a minerais não ferrosos e soja.

O resultado desta inserção internacional tem sido o declínio da indústria, parte dos serviços e agricultura não integradas. Desse modo, os efeitos multiplicadores da renda interna e aceleradores dos investimentos são filtrados para o exterior, o crescimento é contido e os ganhos de produtividade dos novos setores exportadores aumentam a heterogeneidade estrutural da economia mexicana. Assim, a forte aceleração das exportações e dos investimentos privados a elas associados ocorre em simultâneo com o crescimento da capacidade ociosa do conjunto da indústria e do desemprego.

A integração e articulação para fora que ocorre no México, a despeito de se basear na dinâmica de um setor transnacionalizado e exportador não discrepa em relação aos seus efeitos para dentro do padrão de inserção internacional descrito por Prebisch (1964) e Pinto (1975) relativos ao primário exportador: graças ao coeficiente de importações, amplia-se a heterogeneidade estrutural e manifesta-se uma insuficiência dinâmica do desenvolvimento econômico.

Quadro 10

⁵⁸Avance de información económica: industria maquiladora de exportación, INEGI, CEPAL, Políticas para mejorar la inserción en la economía mundial.

⁵⁹As áreas fronteiriças mexicanas abrigam um tipo de economia bastante distinta das Zonas Econômicas Especiais chinesas. A evolução da ZEE de Shenzhen ilustra bastante bem o ponto. Na primeira metade dos 80s havia um excesso de investimentos em construções e turismo e grandes déficits comerciais. Com a intervenção do governo central em 1985 foi estabelecida uma nova política. “Três objetivos foram estabelecidos para a zona: um mínimo de 50% dos investimentos deveriam ser externos, no mínimo 70% da produção deveria ser exportada e deveria ser obtido uma balança comercial favorável.” Wu, W. (1996) op. cit. pg. 60. O desenvolvimento exportador chinês é uma clara estratégia de promoção de exportações e captação de investimento externo, isto é de acesso às finanças internacionais. É flagrante o contraste com as maquiladoras mexicanas.

Exportações Americanas: Evolução dos 15 principais produtos exportados para o México

mil US\$

	1991	1992	1993	1994	1995
Partes e acessórios de veículos automotores	2.983.307	3.801.292	4.028.967	4.564.032	3.550.353
Componentes eletrônicos	756.330	833.793	871.431	1.240.933	1.418.815
Produtos de plástico	420.105	674.025	807.284	1.218.511	1.132.638
Semicondutores e dispositivos	379.098	450.000	479.431	738.908	1.019.101
Material de plástico e resina	594.791	658.167	736.041	945.971	986.247
Computadores Eletrônicos	604.659	723.121	927.659	1.117.994	963.001
Tubos eletônicos	238.230	307.537	435.573	678.730	881.938
Petróleo refinado	659.164	863.607	763.117	746.411	849.072
Trefilação e Isolantes não-ferrosos	617.530	618.279	622.977	765.821	795.801
Produtos químicos orgânicos industriais	540.877	577.589	607.058	732.536	740.774
Dispositivos de Instalação elétrica não corrente	208.705	283.388	304.367	524.438	648.663
Auto-forno e usina siderúrgica	795.150	858.954	628.252	610.214	638.699
Equipamento de engenharia elétrica	477.694	782.438	903.690	796.024	634.647
Capacitores eletrônicos	159.940	219.526	258.578	401.463	603.958
Motor de combustão interna	453.558	573.706	477.816	527.339	581.239
Outros	17.520.015	21.858.760	21.717.814	26.523.992	21.436.141
Total	27.409.153	34.084.182	34.570.055	42.133.317	36.881.087

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

Um contraponto importante ao caso do México é o do Chile. A partir da segunda metade dos 80 - após uma década de desindustrialização e de monetarismo ultra ortodoxo - o Chile passou a combinar um mix de keynesianismo-cum-desenvolvimentismo puxado pelo investimentos do setor público e do setor privado em atividades exportadoras intensivas em recursos naturais (mineração, celulose, madeira, vinhos e frutas). Ao contrário das economias maiores da região, a especialização em um “primário-exportador” revelou um notável dinamismo das exportações e do investimento interno. Dois fatores tiveram um papel importante. A conquista de novos mercados - como as exportações de cobre para o leste asiático - e os investimentos em infra-estrutura associados ao cobre e as exportações. Por seu menor grau de industrialização e pela natureza dos *tradeables* chilenos, o coeficiente de importações associados à expansão da capacidade produtiva exportadora é muito menor do que no México, conduzindo a uma maior taxa de crescimento do produto. A pauta de exportações chilenas, vale lembrar, é complementar à dos países desenvolvidos, em

particular à dos EUA⁶⁰. A menor fragilidade externa do Chile - menor relação entre transferências financeiras sobre exportações, menor *spreads* no financiamento externo- e o maior controle da conta de capitais, tem permitido invejável autonomia em sua política econômica em forte contraste com o restante do continente.

Na segunda metade dos anos 80, e, particularmente nos anos 90, o ajuste microeconômico das grandes empresas gerou tanto na Argentina, quanto posteriormente no Brasil, grandes ganhos de produtividade decorrentes da introdução de novos métodos gerenciais e, principalmente de uma maior especialização em linhas de produção. Este movimento foi particularmente acentuado entre as empresas transnacionais.

Tendo em vista o sentido global do ajuste macroeconômico e da abertura comercial, ocorreu, tanto na Argentina ainda nos anos 80 e no Brasil (a despeito das notáveis diferenças de escala) nos anos 90, uma mudança no padrão de especialização do setor industrial: encolhimento do complexo metal-mecânico e expansão dos ramos industriais intensivos em recursos naturais⁶¹. Estas estratégias buscaram, por outro lado, ajustar-se às novas condições tarifárias e cambiais decorrentes do Mercosul. O efeito imediato deste deslocamento foi a redução de emprego e demanda por bens de capital nacional e quebra dos encadeamentos industriais. Foi notável aqui a mudança estrutural nos coeficientes de exportação e importação em todos os ramos da indústria. Se de um lado a indústria se reespecializa na direção de *commodities*, de outro, em todos os subsetores da indústria, com a exceção de produtos alimentares, os coeficientes de importação passaram a exceder, nos anos imediatos ao da abertura externa, os de exportação. Como no México, a sobrevalorização da taxa de câmbio, contribuiu tanto no Brasil quanto na Argentina para uma rápida expansão do déficit comercial⁶². No caso brasileiro, devido ao maior porte de sua indústria e das suas instituições, houve maior resistência ao ajuste estrutural - ao longo dos anos 80 e início dos

⁶⁰Ver Sainz, P. (1996) "El Crecimiento Económico y su Difusión Social: El Caso de Chile de 1987 a 1992" Cepal, mimeo
⁶¹ "De forma sintética, as mudanças no perfil produtivo argentino consistiram principalmente no crescimento das atividades capital/intensivas, intensivas em recursos naturais ou intensivas em escala contra o relativo declínio das indústrias metalmeccânicas...Os casos mais importantes de reestruturação ofensiva foram: i) bens intermediários intensivos em escala e capital...ação, produtos petroquímicos, cimentos e derivados de petróleo; ii) algumas unidades da indústria de alimentos e óleos vegetais... iii) a indústria automobilística, particularmente o desenvolvimento partes numa nova estratégia setorial orientada para a exportação."Kosacoff, B. (1994) "Argentine Industry: Looking for a New Strategy After Import- Substitution"mimeo, CEPAL

⁶²Na Argentina com o plano de convertibilidade de 1991, a taxa de crescimento da produção industrial e do PIB atingiram a níveis inéditos. Enquanto as importações quadruplicaram de valor, as exportações permaneceram nos mesmos níveis anteriores. Em 1 ano um superávit comercial de cerca de 4 bilhões de dólares converteu-se num déficit da mesma magnitude. Esta situação revelou-se estrutural nos anos seguintes denotando uma mudança efetiva de coeficientes. Ver Kosacoff (1994) op. cit.

90 os principais grupos industriais nacionais mantiveram-se preservados. Entretanto, no início da década e sobretudo a partir de 1994, o coeficiente de penetração das importações deu um forte salto. Segundo estudo baseado nos dados do IBGE desagregado para 40 setores, o coeficiente de penetração das importações (importações sobre produção) na indústria brasileira passou de 4,3 verificado em 89, para 15,6 em 1996. A mudança abrupta, no entanto, ocorreu entre 1994 (com um coeficiente de 10,2) para 1996⁶³. Face a um aumento de mais de 50% no coeficiente de importações ocorrido entre 1994 e 1996, o coeficiente de exportações passou de 13,7 registrado em 1994 para 14,5 em 1996, um crescimento inferior a 6%. A abertura às importações, ainda que concentrada em alguns setores como máquinas e equipamentos, material eletrônico e de comunicação - o coeficiente de importações excedeu a 60% nestes setores - foi ampla e generalizada. Na química, na têxtil, na indústria de produtos alimentares os coeficientes tiveram marcante crescimento. Com tarifas reduzidas e câmbio sobrevalorizado não apenas as importações intra-indústria cresceram fortemente, mas também as importações inter-indústria tiveram trajetória expansiva. Na indústria brasileira, com exceção de Tratores e Máquinas Rodoviárias, os setores que aumentaram o coeficiente de exportações foram os detentores de vantagens competitivas tradicionais: madeira, calçados, metalurgia dos não ferrosos, conservas de frutas, siderurgia, celulose e pasta mecânica, etc.

Esta convergência sul-americana na direção de uma inserção na divisão internacional do trabalho baseada na exportação de commodities (tradicionais e manufaturadas) torna-se visível nos fluxos de comércio com os países desenvolvidos. Os Quadros 11 e 12 apresentam as principais exportações e importações da América do Sul com os EUA. As matérias-primas e os bens de capital lideram o boom importador tanto na Argentina quanto no Brasil.

⁶³Moreira, M. M. e Correa, P. G. “Abertura Comercial e Indústria: o que se pode esperar e o que se vem obtendo” BNDES, Texto para Discussão 49, 1996

Quadro 11

América do Sul: Evolução dos 15 principais produtos exportados para os EUA

Origem: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Ilhas Malvinas, Guiana francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela

	1991	1992	1993	1994	1995
Gás natural e petróleo natural	5.488.645	5.964.039	6.210.816	6.471.946	8.321.093
Petróleo Refinado	3.918.923	3.402.821	3.183.733	2.664.325	2.663.733
Frutas e noqueira	1.362.310	1.213.330	1.019.652	1.619.412	1.654.799
Aço e produtos siderúrgicos	618.696	507.647	543.395	1.047.507	1.074.880
Calçado feminino (exceto atléticos)	834.007	920.759	1.165.806	1.063.136	974.502
Metais não-ferrosos	673.489	780.215	492.070	575.434	861.384
Partes e acessórios de veículos	427.278	451.814	591.461	651.525	738.857
Mariscos e pescados	576.221	586.011	592.086	692.893	684.217
Produtos de enfermagem	234.330	265.904	291.494	313.400	390.865
Alumínio primário	81.876	93.590	139.303	363.494	345.369
Cobre primário	340.729	281.393	242.841	369.244	330.541
Frutas e vegetais congelados	396.401	548.684	331.818	345.448	299.683
Produtos químicos orgânicos industriais	142.996	234.861	236.914	310.520	298.026
Produtos eletrometalúrgicos	203.641	212.727	218.411	219.950	291.384
Metais preciosos e jóias	158.286	179.044	200.723	287.861	283.066
Outros	4.766.771	5.197.697	5.592.207	6.257.109	7.024.836
Total	20.224.599	20.840.536	21.052.730	23.253.204	26.237.235

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

O notável crescimento do comércio no âmbito do Mercosul têm permitido particularmente à Argentina, contra-arrestar o baixo crescimento das exportações para os países da OCDE. Em 1985, apenas 6% das exportações argentinas eram destinadas ao Brasil, em 1995, 35% destas foram destinadas ao Brasil. Apesar do crescimento recente, a Argentina absorve uma proporção bastante menor das exportações brasileiras, 8,5% do total exportado em 1995.⁶⁴ No entanto, a importância deste mercado para o Brasil não pode ser desconsiderada tendo em vista o deslocamento das exportações brasileiras de maior densidade tecnológica para o âmbito regional. Assim, se no seu conjunto as exportações brasileiras deslocam-se na direção dos setores intensivos em recursos naturais, as exportações de manufaturados encontram no Mercosul um mercado em expansão.

⁶⁴FUNCEX, Balança Comercial, Boletim, 135

QUADRO 12

EUA: Evolução dos 15 principais produtos exportados para a América do Sul

	1991	1992	1993	1994	1995
Computadores Eletrônicos	777.143	1.028.373	1.279.892	1.658.899	1.904.498
Máquinaria à óleo e gás	932.398	914.593	811.788	1.019.869	1.415.579
Produtos químicos orgânicos industriais	722.999	728.195	785.174	1.072.990	1.357.635
Equipamento de comunicação de rádio e TV	285.869	293.056	599.366	864.823	1.318.099
Veículos à motor e carroçaria	371.996	1.018.391	930.806	948.066	1.077.432
Material de plástico e resina	562.511	531.092	621.493	736.809	1.058.892
Maquinaria de construção	495.552	579.252	624.173	811.077	796.796
Aeronave	1.380.276	1.757.493	652.185	477.402	699.100
Partes e acessórios de veículos à motor	453.836	632.048	673.110	574.870	613.831
Papel	285.103	296.489	297.105	356.217	580.789
Trigo	262.734	203.519	309.012	209.743	507.218
Petróleo Refinado	363.085	408.569	346.960	473.915	478.463
Equipamento e suprimentos fotográficos	207.262	246.612	261.635	380.424	447.187
Equipamento doméstico de Audio e Vídeo	157.990	185.112	211.605	297.397	426.765
Produtos químicos agrícolas	216.701	227.885	292.883	371.097	409.732
Outros	8.455.143	9.875.286	10.776.758	12.033.828	14.976.521
Total	15.930.598	18.925.965	19.473.945	22.287.426	28.068.537

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

O maior obstáculo à expansão do comércio regional não é, entretanto, a sua assimetria entre os dois parceiros principais. Conforme se examinou no caso asiático, a extraordinária expansão do comércio regional teve como uma das suas características básicas a existência de grandes superávites comerciais entre cada país - independente do seu grau de desenvolvimento- e os EUA. Esta abundância de liquidez tem viabilizado saldos comerciais deficitários de cada país dentro da região, particularmente com o Japão. No caso do Mercosul, o crescente déficit em transações correntes no Brasil e Argentina, torna o comércio regional dependente da expansão do financiamento externo. Os ajustes microeconômicos e comércio intrafirma esbarram assim numa outra macroeconomia em que a liquidez internacional sustenta-se, fragilmente, em elevados custos de financiamento interno.

No restante do continente o sentido maior da globalização foi o da inserção nos fluxos financeiros internacionais de curto prazo. Embora esta característica seja geral, ela esconde, na verdade, o fato de que para uma parcela importante de países, incluindo aqui a

Venezuela, não houve até o momento qualquer alteração substancial com os padrões observadas nos anos 80. Uma parcela importante dos países latino-americanos encontra-se inteiramente marginalizada e desvinculada dos vínculos financeiros e comerciais que caracterizam a economia mundial

A partir do quadro descrito como é possível caracterizar as mudanças estruturais presentes e em andamento e as potencialidades de acumulação de capital? Em primeiro lugar é preciso reconhecer que uma parcela importante de países latino-americanos simplesmente encontra-se a margem. São países primário-exportadores tradicionais que perdem progressivamente importância nos fluxos de comércio inclusive nos bens que se especializaram. Com efeito, a brecha tecnológica entre a agricultura praticada em média na América Latina e a praticada na OCDE e EUA aumentou profundamente na última década com a profunda mecanização, protecionismo e introdução de progresso técnico que ocorreu nos países desenvolvidos. A América Latina como um todo vem perdendo quota de mercado no mercado da OCDE de produtos agropecuários.

O único caso de crescimento contínuo, o do Chile, logrou constituir o que poderia ser considerado um “primário-exportador articulado” conseguindo pela via já descrita associar um crescimento baseado nas exportações-cum-investimento. De certo modo o Chile conseguiu fazer com frutas e vinhos o que a Itália fez com móveis e sapatos. Diferenciar produtos e agregar valor.

O México é hoje o país mais integrado em sua estrutura produtiva. Esta integração reedita uma forma moderna e industrial de “plantation” articulando-se para fora e cedendo os ganhos de produtividade.

O deslocamento das indústrias no sentido das *commodities* reintroduz os problemas clássicos examinados por Prebisch. Em primeiro lugar a flutuação da demanda mundial instabiliza o ciclo de crescimento dos países exportadores, em segundo lugar, ocorre deterioração de preços no longo prazo. (Houve deterioração dos termos de troca nos 80 e na primeira metade dos anos 90). A crença de que as exportações dependem da simples existência de produção exportável é inteiramente ilusória, particularmente nos ramos de bens homogêneos.

A expectativa dominante entre os economistas e os governos latino-americanos de que um maior ingresso de IDE é capaz de diversificar as exportações e promover, deste

modo, uma via de crescimento articulada, não encontra apoio nas evidências de produção internacionalizada. Como se notou sobre a Ásia, o efeito líquido do comércio internacional associado exclusivamente aos IDEs, tem sido, negativo. Por outro lado, como revelou-se evidente no caso do México, a difusão dos investimento e ganhos de produtividade dos setores mais dinâmicos da economia requer um contexto macroeconômico expansivo ao lado de investimentos autônomos em particular na infra-estrutura que permitam articular dinamicamente os mercados internos e externos.

Quadro 1

Ingresso de Capital Externo em Países Seleccionados na América Latina e Ásia
Saldo da Conta de Capitais % do PIB

	1984/89	1990/1992	Aumento
América Latina			
Colômbia	2	1	-1
Chile	-1,7	5,9	7,6
Peru	-5,3	-0,3	5
Argentina	-1,6	2,2	3,8
México	-0,4	6,2	6,6
Brasil	-2,3	-0,3	2
Média dos 6 países	-1,6	1,4	3
Ásia			
Indonésia	2,2	5	2,8
Coréia	-2	1,3	3,3
Malásia	-0,4	8,7	9,1
Filipinas	-3,8	1,9	5,7
Cingapura	5	3,3	1,7
Formosa	0,1	-4,9	-5
Tailândia	4,2	11	6,8
Média dos 7 países	0,8	3,8	3

Fonte: UNCTAD

Quadro 2

Financiamento Externo 1991 - 1994

País	Total	Dos quais (%)		
	<i>\$ bilhões</i>	Empréstimos	Investimentos em portfólio	IDE
América Latina				
Argentina	31,4	8	47	45
Brasil	21,4	8	64	28
Chile	7,9	25	25	49
Colômbia	4,7	9	26	65
México	63	15	51	34
Venezuela	9	27	36	38
Ásia				
China	110,2	18	13	70
Indonésia	9,1	30	56	14
Coréia	37,7	65	14	21
Malásia	32,2	35	7	57
Filipinas	7,2	13	53	35
Cingapura	34	39	52	9
Formosa	25,6	24	7	70
Tailândia	39	62	16	22

Fonte: BIRD, FMI, UNCTAD

Quadro 3

Ásia e América Latina: Transferências Financeiras, Exportação, Importação e Investimento na segunda metade dos anos 80

	1985	1987	1989	1991
Coréia				
Renda líquida de serviços/exportações f.o.b.	(0,11)	(0,05)	(0,01)	-
Importações/PIB	(0,30)	(0,34)	(0,31)	(0,32)
FBK fixo/ PIB	0,28	0,29	0,32	0,38
Cingapura				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	0,03	0,00	0,02	0,03
Importações/PIB	-	-	-	-
FBK fixo/ PIB	0,42	0,36	0,36	0,40
Tailândia				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,09)	(0,08)	(0,05)	-
Importações/PIB	(0,24)	(0,29)	(0,39)	-
FBK fixo/ PIB	0,42	0,36	0,36	0,40
Malásia				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,14)	(0,11)	(0,09)	(0,06)
Importações/PIB	(0,50)	(0,50)	(0,69)	-
FBK fixo/ PIB	0,30	0,23	0,30	-
Indonésia				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,19)	(0,21)	(0,20)	(0,18)
Importações/PIB	(0,20)	(0,22)	(0,23)	-
FBK / PIB	0,28	0,31	0,35	-
Brasil				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,44)	(0,39)	(0,37)	-
PIB***	1383	1542	1592	-
Importações/PIB	(0,07)	(0,46)	(0,04)	-
FBK fixo/ PIB	0,17	1,67	0,20	-
***bilhões de Reais				
Argentina				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,68)	(0,74)	(0,71)	(0,50)
Importações/PIB	(0,09)	(0,10)	(0,09)	-
FBK fixo/ PIB	0,13	0,14	0,09	-
Chile				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,55)	(0,33)	(0,25)	(0,19)
Importações/PIB	(0,26)	(0,29)	(0,34)	(0,31)
FBK fixo/ PIB	0,14	0,16	0,18	0,18
México				
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,41)	(0,34)	(0,34)	(0,25)
Importações/PIB	(0,10)	(0,12)	-	-
FBK fixo/ PIB	0,19	0,19	-	-

*Fonte: International Financial Statistics; INTERNATIONAL MONETARY FUND Junho 1996

Quadro 4

Distribuição do Estoque de Investimento Externo na China e os ASEAN 4 em 1992 nos Países da ASEAN 4 em 1992

<i>Origem</i>	China	Indonésia	Malásia	Tailândia	ASEAN4
Cingapura	-	4,1	6,7	6,3	25,8
HongKong	62	7,4	3	6,6	25,8
Tailândia	8,2	7,7	22,8	9,2	25,8
Coréia	0,9	5,7	2,9	1,5	25,8
Japão	8,4	15,7	22,7	38,1	26,1
US	8,5	6,5	7	11,9	9,5
Outros	12	52,9	35	26,4	38,6
Total	100	100	100	100	100

Fonte: MITI (1994) Nomura Research Institute

* 1993

** incluindo Macau

*** incluindo Cingapura

cit. in : Rowthorn, Robert (1996) "East Asian Evelopment: The Geese Paradigman Reconsidered *East Asian Development: Lessons for a New Global Environment* (Geneva United Nations) pag. 25

Quadro 5

Fluxos Bilaterais de Comércio

*US\$ * 10 exp 6*

<i>Parceiro</i>	<i>ano</i>	América do Norte	Europa Ocidental	Japão	Tigres	ASEAN 4	China
ASEAN 4	1980	9.000	6.733	16.245	8.007	1.499	385
	1985	9.426	5.856	14.130	9.195	2.065	596
	1990	17.474	14.890	21.143	18.691	3.595	1.781
	1994	34.567	24.552	27.649	39.865	7.445	4.344
China	1980	3.428	4.487	6.394	15.114	990	-
	1985	-	-	-	-	-	-
	1990	5.605	6.187	9.011	30.184	1.724	-
	1994	22.872	16.113	21.579	41.569	3.804	-
Japão	1980	34.085	21.456	-	19.117	9.112	5.078
	1985	70.631	25.324	-	22.561	7.316	12.479
	1990	97.618	63.211	-	56.498	22.175	6.129
	1994	124.616	65.628	-	93.181	40.521	18.693
Tigres	1980	19.706	13.596	7.221	6.355	6.291	624
	1985	40.730	13.555	10.731	8.536	7.006	2.274
	1990	65.404	38.471	27.011	27.838	19.764	6.895
	1994	49.339	30.813	21.551	32.048	34.308	16.250

Fonte: Comtrade em Akyus, 1996, op. cit.

Quadro 6

Balança Comercial do Japão com os 4 Tigres, ASEAN 4 e China

US\$ bilhões

	4 tigres			ASEAN -4			China		
	1985	1990	1993	1985	1990	1993	1985	1990	1993
Total	11,9	29,6	53,1	-6,8	1	7,2	6,8	-2,9	1,4
Manufaturados	14,9	32,8	54,6	6,1	16,1	21,2	10,8	2	5,8
Máquinas elétricas	4,5	10,9	18,6	0,9	2,6	5	2,3	1,2	1,6
Veículos	1	2,5	5,5	1,1	3,8	4,6	1,8	0,1	1,8
Calçado e Vestuário	-1,2	-3,9	-3	0	-0,4	-0,9	-0,4	-1,4	7,5

Fonte: UNCTAD, em Rowtorn, B (1996)

Quadro 7

Evolução dos 15 Principais Produtos Exportados para os EUA

a) Hong Kong, Coréia do Sul, Cingapura, Tailândia					
					<i>mil US\$</i>
	1991	1992	1993	1994	1995
Semicondutores e dispositivos	3.821.950	4.458.406	5.754.789	8.481.647	13.798.158
Computadores Eletrônicos	4.836.412	5.402.356	7.072.443	8.851.479	11.327.069
Dispositivos de armazenagem de computadores	2.591.203	3.349.353	3.766.294	456.832	6.369.809
Equipamento periféricos de computadores	2.109.844	2.724.853	3.621.567	3.602.309	4.570.432
Auto-forno e usina siderúrgica	664.869	634.907	444.867	674.859	675.527
Equipamento domésticos de Audio e Video	2.843.659	2.940.787	2.700.861	2.675.196	2.345.172
Automotores e carroçaria	1.090.907	744.296	740.504	1.475.243	1.660.144
Componentes Eletrônicos	992.802	1.120.833	1.082.454	1.209.706	1.314.969
Aparato para telefone e telégrafo	800.666	789.229	618.242	653.410	592.901
Produtos químicos orgânicos industriais	493.527	587.858	555.041	567.312	552.479
Bens de atletismo e esportivos	1.020.159	1.089.778	905.727	1.001.864	946.717
Rádio e TV equipamento de comunicação	461.488	488.322	645.209	777.481	940.863
Produtos de plástico	805.666	811.509	765.441	767.306	763.819
Mobília e artefatos	941.427	954.041	992.405	930.193	831.383
Partes e acessórios de veículos	422.030	482.813	519.495	612.853	634.476
Parafusos, porcas, rebites e arruelas	437.631	503.272	580.688	685.474	800.173
outros	21.701.229	21.544.913	20.631.752	20.604.861	23.031.255
Total	22.138.860	48.627.526	51.397.779	54.028.025	71.155.346

Continuação					
b) Brunei Darussalam, Indonésia, (incluindo o Timor do leste), Malásia, Filipinas, Cingapura, Formosa, e Vietnam					
					(mil US\$)
	1991	1992	1993	1994	1995
Semicondutores e dispositivos	3.784.470	4.357.866	5.800.293	7.651.169	10.834.187
Dispositivos de armazenagem de computadores	3.066.121	4.384.689	4.854.338	6.106.885	852.363
Computadores Eletrônicos	1.901.039	224.909	3.584.215	4.976.295	5.567.948
Equipamento domésticos de Audio e Video	2.416.406	3.310.491	3.792.667	5.132.544	5.308.944
Equipamento periféricos de computadores	373.376	599.664	1.005.284	1.411.186	2.314.360
Produtos florestais	631.124	735.380	816.009	934.942	1.568.157
Aparato para telefone e telégrafo	940.872	1.088.699	1.107.426	133.283	1.498.824
Produtos e equipamentos fotográficos	128.199	210.516	332.191	470.175	472.507
Marisco	654.046	735.367	889.033	1.169.627	1.129.112
Gás natural e petróleo natural	422.080	538.226	490.361	577.152	458.478
Mobília e artefatos	347.892	430.028	629.826	7.894.772	844.317
Componentes eletrônicos	455.596	520.010	521.313	683.353	843.747
Produtos fabricados da borracha	269.681	410.288	507.064	550.744	698.732
Calçado (exceto atléticos)	400.562	539.246	645.705	619.669	983.763
Produtos químicos orgânicos industriais	423.818	520.002	503.303	575.681	566.936
Equipamento de motor elétrico	195.018	262.910	367.859	507.592	480.760
outros	7.622.895	891.887	9.765.178	11.335.629	13.769.941
Total	24.033.195	19.760.178	35.612.065	50.730.698	48.193.076

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

Quadro 9

Exportações Mexicanas: Evolução dos 15 principais produtos exportados para os EUA

mil US\$

	1991	1992	1993	1994	1995
Veículos automotores e carro	2.842.178	3.108.894	3.726.715	4.786.824	7.829.587
Gás natural e petróleo natural	4.345.360	4.362.020	4.244.566	4.667.014	5.418.513
Equipamento de áudio e vídeo doméstico	1.991.038	2.471.086	2.696.483	3.605.689	4.034.527
Partes e acessórios de veículos automotores	1.612.138	2.144.776	2.438.544	2.997.764	3.474.986
Equipamento de engenharia elétrica	1.346.265	1.646.344	1.905.769	2.553.097	2.769.979
Computadores eletrônicos	423.953	554.365	644.713	1.084.093	1.258.349
Vegetais e melão	794.290	639.309	862.069	938.967	1.150.398
Imóveis e artefatos	602.383	714.198	804.623	1.020.239	1.077.502
Rádio e TV	232.520	227.624	266.128	671.396	1.010.278
Aço e produtos siderúrgicos	241.474	223.745	343.066	588.617	852.858
Motor e geradores	360.685	483.277	557.971	725.361	844.127
Semicondutores e dispositivos	285.094	302.284	402.284	508.104	757.788
Frutas e noqueira	450.484	440.164	432.436	486.184	755.114
Dispositivos de Instalação elétrica não corrente	198.928	213.211	286.391	418.224	491.970
Componentes eletrônicos	323.000	367.402	464.635	570.059	729.958
Outros	10.141.506	11.426.048	12.825.437	15.489.036	20.299.505
Total	26.191.296	29.324.747	32.901.830	41.110.668	52.755.439

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

Quadro 8

Ásia e América Latina: Transferências Financeiras, Exportação, Importação e Investimento nos anos 90

	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Coréia						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,01)	(0,01)	(0,01)	(0,02)	(0,02)	-
Importações/PIB	(0,30)	(0,31)	(0,30)	(0,29)	(0,31)	(0,34)
Importações bens e serviços***	(54.417)	(66.050)	(71.840)	(76.971)	(94.360)	(120.214)
FBK fixo/ PIB	0,37	0,38	0,37	0,36	0,36	0,37
Cingapura						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	0,02	0,01	0,02	0,02	0,01	-
Importações/PIB	-	-	-	-	-	-
FBK fixo/ PIB	0,32	0,33	0,36	0,36	0,34	-
Tailândia						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,04)	(0,04)	(0,04)	(0,03)	(0,03)	-
Importações/PIB	(0,42)	(0,42)	(0,41)	(0,41)	(0,44)	-
FBK fixo/ PIB	0,40	0,41	0,39	0,39	0,39	-
Malásia						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,06)	(0,07)	(0,08)	(0,07)	(0,06)	-
Renda líquida de serviços crédito*	1.849,00	1.425,00	1.609,00	2.006,00	2.343,00	-
Importações/PIB	(0,74)	(0,85)	(0,76)	(0,81)	(0,91)	-
FBK fixo/ PIB	0,32	0,36	0,34	0,35	0,38	-
Indonésia						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,19)	(0,19)	(0,17)	(0,16)	(0,16)	-
Importações/PIB	(0,26)	(0,27)	(0,27)	(0,24)	(0,24)	(0,29)
FBK fixo/ PIB	0,36	0,35	0,36	0,33	0,34	0,42

*Fonte: International Financial Statistics; INTERNATIONAL MONETARY FUND Junho 1996

** médias do período em número índice (1990=100)

Continuação						
	1990	1991	1992	1993	1994	1995
Brasil						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,37)	(0,31)	(0,22)	(0,26)	(0,21)	(0,24)
Importações/PIB	(0,06)	(0,07)	(0,07)	(0,08)	(0,07)	-
FBK fixo/ PIB	0,23	0,19	0,20	0,20	0,21	-
Argentina						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,36)	(0,36)	(0,30)	(0,23)	-	-
Importações/PIB	(0,05)	(0,06)	(0,08)	(0,08)	(0,09)	-
FBK fixo/ PIB	0,14	0,15	0,17	0,18	0,20	-
Chile						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,22)	(0,19)	(0,20)	(0,23)	(0,20)	-
Importações/PIB	(0,31)	(0,29)	(0,28)	(0,29)	(0,27)	(0,27)
FBK fixo/ PIB	0,23	0,21	0,23	0,26	0,24	0,23
México						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	(0,20)	(0,19)	(0,20)	(0,21)	(0,19)	-
Importações/PIB	(0,17)	(0,17)	(0,18)	(0,16)	(0,18)	-
FBK fixo/ PIB	0,18	0,19	0,20	0,20	0,20	-
China						
Renda líquida de serviços/ exportações f.o.b.	0,02	0,02	0,00	(0,02)	(0,01)	-
Importações/PIB						

Fonte: International Financial Statistics; INTERNATIONAL MONETARY FUND Junho 1996

Quadro 10

Exportações Americanas: Evolução dos 15 principais produtos exportados para o México

	<i>mil US\$</i>				
	1991	1992	1993	1994	1995
Partes e acessórios de veículos automotores	2.983.307	3.801.292	4.028.967	4.564.032	3.550.353
Componentes eletrônicos	756.330	833.793	871.431	1.240.933	1.418.815
Produtos de plástico	420.105	674.025	807.284	1.218.511	1.132.638
Semicondutores e dispositivos	379.098	450.000	479.431	738.908	1.019.101
Material de plástico e resina	594.791	658.167	736.041	945.971	986.247
Computadores Eletrônicos	604.659	723.121	927.659	1.117.994	963.001
Tubos eletônicos	238.230	307.537	435.573	678.730	881.938
Petróleo refinado	659.164	863.607	763.117	746.411	849.072
Trefilação e Isolantes não-ferrosos	617.530	618.279	622.977	765.821	795.801
Produtos químicos orgânicos industriais	540.877	577.589	607.058	732.536	740.774
Dispositivos de Instalação elétrica não corrente	208.705	283.388	304.367	524.438	648.663
Auto-forno e usina siderúrgica	795.150	858.954	628.252	610.214	638.699
Equipamento de engenharia elétrica	477.694	782.438	903.690	796.024	634.647
Capacitores eletrônicos	159.940	219.526	258.578	401.463	603.958
Motor de combustão interna	453.558	573.706	477.816	527.339	581.239
Outros	17.520.015	21.858.760	21.717.814	26.523.992	21.436.141
Total	27.409.153	34.084.182	34.570.055	42.133.317	36.881.087

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

Quadro 11

América do Sul: Evolução dos 15 principais produtos exportados para os EUA

	1991	1992	1993	1994	1995
Gás natural e petróleo natural	5.488.645	5.964.039	6.210.816	6.471.946	8.321.093
Petróleo Refinado	3.918.923	3.402.821	3.183.733	2.664.325	2.663.733
Frutas e noqueira	1.362.310	1.213.330	1.019.652	1.619.412	1.654.799
Aço e produtos siderúrgicos	618.696	507.647	543.395	1.047.507	1.074.880
Calçado feminino (exceto atléticos)	834.007	920.759	1.165.806	1.063.136	974.502
Metais não-ferrosos	673.489	780.215	492.070	575.434	861.384
Partes e acessórios de veículos	427.278	451.814	591.461	651.525	738.857
Mariscos e pescados	576.221	586.011	592.086	692.893	684.217
Produtos de enfermagem	234.330	265.904	291.494	313.400	390.865
Alumínio primário	81.876	93.590	139.303	363.494	345.369
Cobre primário	340.729	281.393	242.841	369.244	330.541
Frutas e vegetais congelados	396.401	548.684	331.818	345.448	299.683
Produtos químicos orgânicos industriais	142.996	234.861	236.914	310.520	298.026
Produtos eletrometalúrgicos	203.641	212.727	218.411	219.950	291.384
Metais preciosos e jóias	158.286	179.044	200.723	287.861	283.066
Outros	4.766.771	5.197.697	5.592.207	6.257.109	7.024.836
Total	20.224.599	20.840.536	21.052.730	23.253.204	26.237.235

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA

Origem: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Ilhas Malvinas, Guiana francesa, Guiana, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai, Venezuela

QUADRO 12

EUA: Evolução dos 15 principais produtos exportados para a América do Sul

	<i>mil US\$</i>				
	1991	1992	1993	1994	1995
Computadores Eletrônicos	777.143	1.028.373	1.279.892	1.658.899	1.904.498
Máquinaria à óleo e gás	932.398	914.593	811.788	1.019.869	1.415.579
Produtos químicos orgânicos industriais	722.999	728.195	785.174	1.072.990	1.357.635
Equipamento de comunicação de rádio e TV	285.869	293.056	599.366	864.823	1.318.099
Veículos à motor e carroçaria	371.996	1.018.391	930.806	948.066	1.077.432
Material de plástico e resina	562.511	531.092	621.493	736.809	1.058.892
Maquinaria de construção	495.552	579.252	624.173	811.077	796.796
Aeronave	1.380.276	1.757.493	652.185	477.402	699.100
Partes e acessórios de veículos à motor	453.836	632.048	673.110	574.870	613.831
Papel	285.103	296.489	297.105	356.217	580.789
Trigo	262.734	203.519	309.012	209.743	507.218
Petróleo Refinado	363.085	408.569	346.960	473.915	478.463
Equipamento e suprimentos fotográficos	207.262	246.612	261.635	380.424	447.187
Equipamento doméstico de Audio e Vídeo	157.990	185.112	211.605	297.397	426.765
Produtos químicos agrícolas	216.701	227.885	292.883	371.097	409.732
Outros	8.455.143	9.875.286	10.776.758	12.033.828	14.976.521
Total	15.930.598	18.925.965	19.473.945	22.287.426	28.068.537

Fonte: Departamento de Comércio dos EUA